

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
PEDAGOGIA LICENCIATURA**

VITÓRIA KAROLAINÉ DE MENEZES HONORATO

**A AVALIAÇÃO EDUCACIONAL NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO
NA UFAL, CAMPUS SERTÃO**

Delmiro Gouveia – AL

2022

VITÓRIA KAROLAINÉ DE MENEZES HONORATO

**A AVALIAÇÃO EDUCACIONAL NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO
DA UFAL, CAMPUS SERTÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal de Alagoas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Pereira.

Delmiro Gouveia – AL

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

H774a Honorato, Vitória Karolaine de Menezes

A avaliação educacional no ensino superior: um estudo de caso na UFAL, Campus Sertão / Vitória Karolaine de Menezes Honorato. - 2024.

55 f. : il.

Orientação: Rodrigo Pereira.

Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2024.

1. Educação. 2. Ensino Superior. 3. Avaliação da aprendizagem. 4. Prática docente. 5. Desempenho do estudante. 6. Universidade Federal de Alagoas – UFAL. 7. Campus Sertão. I.Pereira, Rodrigo, orient. II. Título.

CDU: 378.046



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
COORDENADORIA DE GRADUAÇÃO - COGRAD

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao dia 05 do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às 15:00h (quinze horas), sob a presidência do/a professor/a **Rodrigo Pereira**, com base na Instrução Normativa nº03/2020, de 27 de abril de 2020, da Pró-Reitoria de Graduação da UFAL, reuniu-se em sessão pública, na sala 17 da Pós-graduação, a Banca Examinadora de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tipo monografia intitulada “A Avaliação Educacional no Ensino Superior: um estudo de caso na UFAL, Campus Sertão”, do(s)/a(s) aluno(s)/a(s) **Vitoria Karolaine de Menezes Honorato** sob matrícula (s) 17212494, requisito obrigatório para conclusão do Curso de Pedagogia – Licenciatura, assim constituída: **Prof. Dr. Rodrigo Pereira, Profa. Dra. Ana Paula Solino Bastos, Prof. Dr. Marcos Ricardo de Lima**. Iniciados os trabalhos, foi dado a cada examinador/a um período máximo de 30 (trinta) minutos para a arguição do/a(s) candidato/a(s). Terminada a defesa do trabalho, procedeu-se o julgamento final. Apuradas as notas, o(s)/a(s) candidato(s)/a(s) foram considerado(s)/a(s) **Aprovada** com média geral **9,5** (NOVE, CINCO). Na oportunidade o(s)/a(s) candidato(s)/a(s) foi notificado/a da resolução interna do curso de pedagogia, atualizada recentemente, que estabelece prazo máximo de 30 (trinta) dias corridos, a partir desta data, para entregar à Coordenação do Curso, devidamente protocolada, a versão definitiva do trabalho defendido em meio digital (CD-ROM) com as correções sugeridas pela banca. Nesta ocasião a presente ata (original) assinada também deve ser entregue à Coordenação. Nada mais havendo a tratar, os trabalhos foram encerrados para a lavratura da presente ata, que depois de lida foi assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

Delmiro Gouveia-AL, 05 de setembro de 2024.

Orientador/a

Documento assinado digitalmente
gov.br RODRIGO PEREIRA
Data: 06/09/2024 13:37:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rodrigo Pereira

1º Examinador/a

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA PAULA SOLINO BASTOS
Data: 13/09/2024 12:12:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Ana Paula Solino Bastos

2º Examinador/a

Documento assinado digitalmente
gov.br MARCOS RICARDO DE LIMA
Data: 17/09/2024 19:18:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Ricardo de Lima

VITÓRIA KAROLAINÉ DE MENEZES HONORATO

**A AVALIAÇÃO EDUCACIONAL NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO
DA UFAL, CAMPUS SERTÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal de Alagoas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Pereira.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, sem Ele não teria forças e coragem para conduzir esse trabalho. Aos meus pais Valdenice Alves de Menezes e Gonçalo Honorato de Lima Neto, que sempre me deram apoio e passaram confiança de que tudo isso era possível.

A minha avó, que mais que todos a minha volta acredita em mim. Ao meu marido Aldair Sales com quem compartilho meus dias. A minhas amigas Thainar Cavalcante e Ingridy Moura que são minhas inspirações e amparo. Sou grata também pelo meu grupo de estudos da faculdade e minha dupla Dayane Izidoro, que em todo tempo esteve comigo nessa caminhada o que tornou as coisas um pouco mais leves.

Sem esquecer de todos os professores que passaram pela minha graduação, e que tem seu lugar especial na minha memória. Meu orientador Rodrigo Pereira que acolheu e me deu suporte nesse trabalho. Por fim, sou grata por todos os momentos vividos dentro do *Campus Sertão*, e pelas pessoas que conheci ao longo desse caminho e que contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal.

RESUMO

O presente trabalho trata sobre avaliação de aprendizagem no ensino superior, a partir da investigação e discussão de como acontece o processo de avaliação da aprendizagem no *Campus* Sertão, localizado em Delmiro Gouveia - AL. Trata-se de uma pesquisa documental e exploratória. Além de legislações e documentos institucionais utilizamos outras fontes para coleta de dados, como relato dos próprios alunos e professores do referido *Campus*. No primeiro momento, buscamos entender as práticas do docente universitário em relação ao processo de avaliação dos alunos e como elas são importantes para a dinâmica em sala de aula, e como podem contribuir para o processo de formação profissional do estudante. Buscou-se conhecer quais instrumentos avaliativos fazem parte da organização das aulas e quais impactos de cada instrumento desenvolvido. Para obter os dados utilizamos os documentos institucionais da universidade, a Lei de Diretrizes e Bases, os dados do SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior). Além destes documentos utilizamos o Censo de Educação Superior que nos forneceu dados mais abrangentes sobre o ensino superior no Brasil. Por outro lado, buscamos por meio de questionário ouvir estudantes e professores a respeito desse processo do ensino. O questionário foi disponibilizado através de formulário do google *forms*, com perguntas objetivas e argumentativas buscando entender as duas vertentes desse processo. A pesquisa realizada com estudantes e docentes foi verificada que os professores participantes da possuem formação pedagógica. Os alunos passam por dificuldades emocionais ao realizar provas, preferindo outros instrumentos avaliativos. O docente participante da pesquisa tem a prova como principal instrumento avaliativo.

Palavra-chave: Avaliação da aprendizagem, Ensino superior, formação de professores, desempenho dos estudantes.

ABSTRACT

This work deals with learning assessment in higher education, based on the investigation and discussion of how the learning assessment process takes place at Campus Sertão, located in Delmiro Gouveia - AL. This is documentary and exploratory research. In addition to legislation and institutional documents, we use other sources to collect data, such as reports from the students and teachers of the aforementioned Campus. Initially, we sought to understand the practices of university faculty in relation to the student assessment process and how they are important for classroom dynamics, and how they can contribute to the student's professional training process. We sought to find out which assessment instruments are part of the organization of classes and the impacts of each instrument developed. To obtain the data, we used the university's institutional documents, the Law of Guidelines and Bases, data from SINAES (National Higher Education Assessment System). In addition to the documents used in the Higher Education Census, we brought more comprehensive data on higher education in Brazil. On the other hand, we sought to hear students and teachers about this teaching process through a questionnaire. The questionnaire was made available through a Google Forms form, with objective and argumentative questions seeking to understand the two aspects of this process. A survey carried out with students and teachers found that the participating teachers had pedagogical training. Students experience emotional difficulties when carrying out challenges, preferring other assessment instruments. The teacher participating in the research uses the test as the main evaluation instrument.

Keywords: Assessment of learning higher education, teacher training, student performance.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Professores participantes da pesquisa e cursos.	38
Tabela 2- Qual instrumento avaliativo você prefere utilizar?.....	38
Tabela 3- Quais parâmetros que você utiliza para escolher os critérios de avaliação.	39
Tabela 4- Como você acha que seria a avaliação ideal?	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.	9
2 AVALIAÇÃO: ITINERÁRIO DE PESQUISA	13
3 A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR: CONTEXTO E CONCEPÇÕES	15
3.1 Desafios das práticas docentes	20
3.2 Instrumentos de avaliação praticados na universidade.....	24
4 PPC: CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UFAL - CAMPUS DO SERTÃO DELMIRO GOUVEIA	31
4.1 Perfil docente na Universidade Federal de Alagoas – <i>Campus</i> do Sertão.....	34
4.2 Perfil discente na Universidade Federal de Alagoas – <i>Campus</i> do Sertão.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Observando o cenário do ensino superior no Brasil e seu processo histórico, percebe-se a importância de se discutir os desafios das práticas docentes em busca de propostas inovadoras, que permitam, quem sabe, uma reforma nas ações pedagógicas e metodologias de ensino com vistas a aprimorar as práticas que conduzem esses profissionais. A pesquisa envolve políticas educacionais, professores, alunos e metodologias com o intuito de perceber e analisar como acontecem os processos avaliativos dos alunos nessa modalidade de ensino, refletir sobre o ser profissional docente e considerar os aspectos importantes das práticas docentes a partir do olhar do professor e dos alunos.

Pensando no processo de aprendizagem é indispensável falar dos instrumentos avaliação. São os instrumentos avaliativos e metodologias utilizadas pelo professor que promovem os resultados dos alunos. Essa reflexão está de acordo com os documentos oficiais da Universidade Federal de Alagoas - *Campus* do Sertão que dão suporte para os docentes e que funciona como guia para as suas práticas avaliativas. O trabalho também traz uma discussão a respeito da formação dos professores, suas capacidades e competências para exercer a função, analisando suas práticas avaliativas em sala de aula.

O cenário acadêmico demanda muitas reflexões, uma delas é se o sistema e as práticas docentes correspondem as expectativas dos alunos e quais práticas fornecidas pelos documentos oficiais são utilizadas pelos docentes, uma vez que os discentes trabalham ativamente junto ao professor nessa caminhada.

O interesse pelo tema surgiu numa disciplina de avaliação de aprendizagem, em que pudemos perceber quais são os critérios avaliativos importantes nesse processo e que causam efeitos positivos no mesmo. A partir de relatos de estudantes sobre o sistema avaliativo de alguns professores, surgiram dúvidas e curiosidades sobre o assunto.

Ao olhar para a minha trajetória na Universidade é possível verificar que ao longo de todas as disciplinas que foram cursadas e que contam com processos de avaliação de aprendizagem, a experiência de ser submetida a tal avaliação foi do “temor” a “experiências construtivas”. O “temor” de reconhecer e não saber como a avaliação acontece no espaço universitário, até às experiências construtivas, por

entender que a avaliação faria parte da minha trajetória profissional. Compreender a avaliação como um processo, que objetiva tanto identificar medidas de aprendizagem como contribuir para a construção da aprendizagem consistiu um desafio para mim. Como estudante universitária, precisei entender o sentido da avaliação, conhecer as práticas avaliativas e entender quais métodos e ações se aproximam do que entendo que seria uma ação justa na prática educativa.

A avaliação é parte do processo de ensino e aprendizagem e serve para que os professores possam ter um retorno do que foi ministrado durante o período letivo. As avaliações são feitas através do uso de instrumentos de avaliação, esses comumente são: aplicação de provas, seminários, projetos, estudos dirigidos, atividades e outros. A partir de tais instrumentos é possível realizar um resultado avaliativo que represente parte do processo de aprendizagem.

Com frequência vemos docentes que usam o método tradicional nessa trajetória, em que são lançados os conteúdos ao longo do período e ao final é aplicado uma prova para avaliação da aprendizagem, anulando assim todas as atribuições e construção de conhecimento até o momento pelo aluno. A avaliação é um objeto de extrema necessidade para nós como indivíduos, pois precisamos ser avaliados e avaliar, para que assim possamos entender todo o processo. Avaliar não é algo negativo como é propagado, é apenas um recurso para delimitar o que foi aproveitado, o que precisa ser melhorado ou o que não foi aprendido. Todo processo é muito importante tanto para os alunos como para os professores, pois é na troca de ideias e dúvidas, de discussões e observações que ambos poderão perceber o que foi apreendido ao chegar ao final do caminho. O docente precisa buscar estratégias que contribuam para esse processo avaliativo de forma que todos possam participar e contribuir para esses avanços, até porque avaliação não é para ser usada como punição, mas sim como uma ferramenta a mais à disposição dos docentes e que pode contribuir com o processo.

Esse estudo tem como objetivo verificar como os alunos se sentem diante das avaliações e quais são as estratégias e instrumentos utilizados pelos docentes para avaliar esses discentes. Pensando no quanto a avaliar e ser avaliado pode ser difícil para os professores que compartilham muitas disciplinas, com múltiplos alunos.

O tema é relevante por tratar de um aspecto que precisa de muita atenção ao ser realizado, uma vez que pode interferir negativamente ou positivamente em uma

série de aspectos da vida do aluno. A avaliação acompanha os seres humanos ao longo da vida, utilizamos para comprar um produto, provar uma comida e várias outras atividades do cotidiano. Na educação não é diferente, porém do sistema de ensino, a avaliação é composta por métodos e metodologias que a educação possibilita, para facilitar esse processo. E no ambiente educacional os aspectos avaliativos requerem um domínio e consciência de questões teóricas que fundamentarão as práticas.

Para analisar estas questões, utilizamos como referência teórica autores contemporâneos que tratam desse objeto, entre eles Luckesi (2000) que analisa o conceito de avaliação como “recurso pedagógico” para professores, destacando alguns aspectos que influenciam o processo de tomada de decisão dos professores sobre o uso de instrumentos de avaliação.

Barbosa (2011) discute a concepção de avaliação a partir de professor formador, nos convidando a pensar esse processo como um ciclo de reflexão-ação em torno das práticas de ensino e do conjunto de respostas dos estudantes, porém sob uma avaliação tradicional isso não é possível. Entre os autores que destacamos ao longo da pesquisa, demos especial projeção para Masetto (2011), Franco (2013), Santos (2005), Gatti (2002), Funges (2015), Oliveira (2005) e outros trabalhos que trouxeram uma reflexão sobre os diferentes aspectos que podem estar relacionados ao processo de avaliação.

Além da revisão de literatura que foi possível por meio desses autores citados acima, destacamos o estudo de alguns documentos importantes para a instituição e que utilizamos para fundamentar as proposições em torno da normatização da avaliação no ensino superior. Entre esses documentos, a Lei de Diretrizes (LDB) destaca no Art. 43, que trata da finalidade da educação superior, o parecer n. I, II, III, do Art. 43 trata dos aspectos culturais e científicos, visando estimular os estudantes dentro de suas futuras profissões e incentivar o trabalho de pesquisa, e por fim, as concepções de avaliação e orientações para a prática de avaliação no ensino superior contidas nos Projetos Pedagógicos de curso (PPC) de Graduação do *Campus* do Sertão da UFAL. Em síntese, a normativa e as definições conceituais presentes no projeto de Curso das Licenciaturas de Pedagogia, Letras, História, Geografia e os Bacharelados de Engenharia Civil e Engenharia de Produção. Todos esses cursos são desenvolvidos presencialmente na sede do *Campus* do Sertão em Delmiro Gouveia-AL.

Este trabalho é dividido em quatro sessões. Na primeira sessão temos a introdução a pesquisa. Na segunda sessão descrevo minhas experiências com o processo de avaliação, da vida escolar e na universidade. Na terceira sessão tratamos do contexto e aspectos que foram sendo modificados ao longo dos anos, ou o que permanece da mesma forma. Ainda na terceira sessão apresentamos os desafios da prática docente. E por fim, na terceira sessão apresentamos os instrumentos de avaliação utilizados pelos professores, quais os efeitos observados, qual aparece como o mais pertinente e outras considerações. A quarta sessão é dedicada a análise dos dados coletados com alunos e professores sobre o processo de avaliação no *Campus Sertão*, Delmiro Gouveia-AL, dados estes obtidos por meio de questionário aplicado aos professores e alunos a respeito da avaliação da aprendizagem em nossa instituição.

2 AVALIAÇÃO: ITINERÁRIO DE PESQUISA

Durante minha formação acadêmica a avaliação sempre representou um obstáculo a ser superado, talvez pelas memórias nada afetivas advindas da educação básica ou mesmo porque a avaliação representa por si só, decisões e/ou sentenças. Enquanto estudante da educação básica, sempre percebi a avaliação como uma parte mais tensa do meu processo de aprendizagem, pela forma que me foi apresentada e pelas vezes em que não consegui concluir uma prova como deveria ou gostaria. Junto aos colegas de curso e da universidade sempre debatíamos sobre as avaliações, principalmente as provas. Amigos de outros cursos também compartilhavam suas experiências, que muitas vezes os deixavam aflitos e inseguros. Essa troca de experiência foi o pontapé para a escolha do tema do meu trabalho, pois pude perceber visões externas ao meu curso, crescendo assim uma curiosidade de saber como acontece a avaliação educacional dentro do *Campus Sertão*.

Ao longo dos dias sendo estudante universitária fui percebendo algumas diferenças em avaliações do meu curso em comparação com o curso de outros colegas, e como isso variava. Seja pela forma de avaliar, dos instrumentos utilizados e das formas de lidar dos professores e dos alunos. Era muito recorrente perceber que meus colegas precisavam passar noites em claro para estudar, assim como eu e as minhas colegas de curso passávamos o dia no *Campus* para estudar. É muito comum que os alunos universitários precisem se dedicar um pouco mais para os trabalhos e provas, mas a sensação de ser avaliado muitas vezes não era fácil, por não conseguir atender ao que se pedia.

Dentre todas as formas de avaliar que pude empenhar-me, a prova ao final do bimestre, era a que sempre causava mais aflição, pois era o momento de registrar no papel tudo que foi aprendido, de forma coerente, e que atendesse as demandas já definidas pelo professor. Na graduação o sentimento não era mais de aflição, e sim de preocupação em torno do que realmente aprendi, sabendo que faz parte da minha formação profissional, conseguia concluir as provas com calma, ciente de que minha nota representaria meu esforço e o quanto me dediquei.

Vivi experiências desafiadoras durante o curso quanto a avaliação, tinha dificuldade de me expressar em seminários, por nervosismo não conseguia expor o que tinha passado horas estudando. Por perceber minha dificuldade em apresentar

seminários me dedicava a atividades escritas, redigidas, e me sentia mais calma e confiante.

Alguns professores marcaram minha vida acadêmica, sempre de forma reflexiva, percebia quantas maneiras diferentes esses professores observavam os alunos. Após as apresentações de seminários e trabalhos os docentes fazem o *feedback*, para mim era difícil ouvir algumas verdades, mas sabia da importância desse retorno naquele momento. Sempre observei muito as atitudes dos alunos, dos professores diante dos alunos, as minhas emoções em consequência das provas e formas avaliativas, sempre ficavam algumas indagações a respeito desse sistema que tem como objetivo observar os resultados a respeito do conteúdo apreendido.

Agora como pesquisadora, posso perceber aspectos importantes que baseiam os estudos da avaliação em nosso país, em como tantas coisas envolvem um processo avaliativo, como a formação do professor, o olhar para o aluno e seu entorno. A partir dessas inquietações surgiu o desejo de pesquisar sobre e estudar mais o tema, buscando novas perspectivas e proposta para as avaliações escolares, e desvelar os impasses presentes quando se analisa esse objeto de estudo, tão importante no campo da educação.

3 A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR: CONTEXTO E CONCEPÇÕES

A história da avaliação educacional no nosso país é ligada a um modelo rigoroso nos critérios avaliativos. Mesmo com a expansão do ensino, os parâmetros a serem seguidos dentro avaliação são seletivos e severos. Segundo Gatti (2002) as escolas cresceram em cima de uma “preparação de elites” há alguns anos, com isso os critérios avaliativos eram seletivos, mas esses padrões vêm mudando ao longo dos anos, a sociedade está em constante transformação e é perceptível as grandes mudanças na democratização dessas culturas.

O ato de avaliar está presente nas nossas vidas desde os primeiros momentos, em consultas ao pediatra, em situações com os pais no cotidiano e em diversas outras circunstâncias. Enfim, de várias maneiras as avaliações participam, norteiam nossas vidas e nos acompanham ao longo de toda a nossa jornada. Quando, ainda na infância, iniciamos nosso percurso escolar, passamos a serão avaliados por métodos e técnicas que objetivam medir nossa aprendizagem e dizer se estamos aptos a avançar para outro nível educacional. É a partir da avaliação que o professor pode medir o desempenho do aluno, analisar o que ele apreendeu daquilo que foi ensinado, isso permite que o professor reflita sobre o planejamento de seu conteúdo e métodos e no seu ensino, bem como que foi acordado com os alunos acerca desse processo (Sousa 1995, 1997). Ou seja, a avaliação nos possibilita diversos benefícios se utilizada de forma coerente, justa e com objetivos definidos. A avaliação educacional está em todos os âmbitos da educação, pode ser voltada para professores, alunos e para a própria gestão do ambiente de ensino.

A avaliação da aprendizagem escolar se faz presente na vida de todos nós que, de alguma forma, estamos comprometidos com atos e práticas educativas. Pais, educadores, educandos, gestores das atividades educativas públicas e particulares, administradores da educação, todos, estamos comprometidos com esse fenômeno que cada vez mais ocupa espaço em nossas preocupações educativas. (LUCKESI, 2000. p.1)

Desde o início de nossa vida escolar estamos inseridos dentro desse contexto de avaliação por meio de práticas educativas na educação infantil, onde é comum que os professores diferenciem os alunos pelo seu comportamento. Tem os que são considerados mais “quietos” e os mais “desinteressado”, o quieto geralmente é mais inteligente, usado como exemplo de bom aluno, e o aluno que é mais descontraído e

circula mais em sala não é considerado um aluno tão dedicado. Essa é uma categorização feita muitas vezes sem o professor perceber. Trazendo para o meio acadêmico essa dinâmica obviamente não funciona, pois, os professores não podem e nem conseguem avaliar um aluno pela quantidade de vezes que esse aluno sai da sala ou apenas pela sua participação nas aulas. Ainda que seja esperado que um aluno que falta bastante não consiga acompanhar o desempenho de toda a turma, assim como o professor também não consegue avalia-lo junto aos colegas.

Para Gatti (2011) os processos avaliativos nos dias hoje contam com a observação de uma série de variáveis e como aspectos sociais, dados demográficos diretos ou indiretos e os vários contextos institucionais. Desde os anos iniciais de nossa vida escolar convivendo com os processos de avaliação, aprendemos que precisamos de notas para alcançar as médias que são estabelecidas pela escola, e é dessa maneira que se tem um “controle” de quem tem mérito de ser promovido para próxima série ou passar para os próximos semestres. Para Gronlund (1979) as notas são atribuídas a partir da concepção do professor de acordo com o aproveitamento do aluno, fazendo com que o aluno se posicione diante de seus resultados.

Alguns estudiosos como Almeida (1992), Martins (1999) entre outros mostram em suas pesquisas que a avaliação é um instrumento muito significativo para os professores e para os alunos. É através da avaliação que o aluno pode ter uma verificação do seu desempenho, assim como o professor pode observar e avaliar sua metodologia. Os alunos têm uma preocupação muito grande com as notas, e muitas vezes se sujeitam a algumas situações: como a “pesca” (também conhecida como cola ou fila). Além disso, criam estratégias para memorizar alguns conteúdos considerados mais difíceis para realizar as provas, entretanto essas são estratégias com pouco resultado em longo prazo, pois a simples memorização de conteúdos faz com que as informações memorizadas não sejam permanentes.

Na universidade passamos por situações que requerem uma dinâmica que organize os conteúdos em mente. As provas semestrais são organizadas de forma que seja uma após outra, ou seja, muitos assuntos, conteúdos para serem ordenados em mente, e a memorização por muitas vezes se torna um aliado, o que passa a importar é “acertar” e tirar uma boa nota.

É comum que no processo de avaliação escolar a dimensão quantitativa prevaleça na representação dos alunos sobre o que é válido ou não, sobre o que tem

sentido ou não nos momentos de construção individual ou coletivo no espaço de sala de aula. Mesmo a ação pedagógica tendo sido elaborada com um alto nível de complexidade e com finalidade construtiva, a dimensão quantitativa tem a tendência de ser o elemento motivador da participação dos alunos. Assim, é comum ouvir dos estudantes: “vale nota?” Essa ação sendo recorrente se torna um elemento influenciador das práticas docentes, gerando implicações na formatação da ação em sala de aula, condicionando o ambiente de aprendizagem, antes pensado como espaço de criatividade e de exposição do livre pensar, reduzido agora ao acúmulo desordenado de pontos que visa exclusivamente a aprovação dos estudantes. Esse formato de avaliação permaneceu por muito tempo como o modelo hegemônico nas escolas brasileiras, mas, aos poucos, tem sido transformado.

Nas universidades os professores têm vários instrumentos à sua disposição e eles podem ser tão ou mais eficientes que as provas para verificação de conhecimentos. Segundo uma pesquisa realizada em uma universidade no interior do estado de São Paulo com os cursos de administração, direito e psicologia foi constatado que o instrumento avaliativo mais utilizado pelos professores é a prova dissertativa individual (OLIVEIRA, SANTOS, 2005). As provas individuais são geralmente mais utilizadas por possuir uma concepção do desempenho particular do aluno.

Em geral, tem sido comum os professores atribuírem notas ao desempenho dos alunos. Essa atividade é responsável por boa parte do tempo gasto pelos professores nas instituições: preparação das avaliações pelo professor, resolução das provas pelos alunos, leitura e correção das provas pelo professor, preenchimento de planilhas com as respectivas notas dos alunos pelo professor ou funcionários da instituição. (GOMES; SIMON; SILVA; 2007, p.185)

As provas se tornam mais práticas obviamente quando se trata de professores universitários que possuem tantas outras demandas em seu núcleo de trabalho. Porém, existe o terror que é feito em torno dessas provas. Os alunos entendem que provas são julgamentos, as provas são motivo de medo, isso por que muitos professores avaliam o aluno e atribuem notas somente por meio da prova. Segundo Luckesi (2000), a avaliação da aprendizagem não deve continuar sendo uma prática tirana e não se deve confundir avaliação com exames.

O professor como mediador do conhecimento científico, função que forma profissionais para o mercado de trabalho e atuação em suas áreas, tem a avaliação

como oportunidade para entender que nível de conhecimento o aluno detém para que possam ocorrer transformações ou melhorias nos métodos que utiliza e transformando o seu processo de ensino de forma que fique mais claro para o aluno. Na universidade não é diferente, quando se percebe em determinadas situações, segundo Vasconcelos (2014) cabe fazer algumas provocações e em se tratando de reprovações, indagar “de onde vem o desejo tão forte dos professores de classificar os alunos? De onde vem a defesa apaixonada da reprovação?” E o autor caracteriza essa prática como “sina classificatória”.

Professores e alunos dependem desse processo, pois existe uma troca entre ambos. O docente expõe seus conteúdos e os alunos dão o retorno através de provas, trabalhos, pesquisas, seminários e as diversas formas de se obter informações de como está o desempenho daquele aluno. É assim que acontece no meio universitário também. No ensino superior o docente tem uma “fama” de que o ato de avaliar é algo mais rigoroso, independente da área, a forma de avaliar é um pouco mais firme do que nos outros níveis de ensino. Porém, há controvérsias a esse respeito. E de acordo com Chaves (2004)

O que se percebe ao aprofundar os estudos sobre a questão é que o ensino superior não está isento dos problemas mais gerais constatados nesse campo e que, tanto na teoria quanto na prática, a avaliação nesse nível de ensino se reveste de rituais e atitudes discriminatórias. (CHAVES, 2004. p.4)

Como dito por Chaves (2004), quanto ao processo de avaliação nesse nível de ensino, constata-se que existem problemáticas e situações mal resolvidas nos rituais avaliativos. Essas atitudes discriminatórias podem acontecer de várias maneiras, não sendo percebidas como algo ruim para o aluno ou para o professor. A ideia de avaliação que temos na universidade é um diagnóstico que precisa ser árduo, que precisa ser algo severo, pois se trata de adultos, ambas as partes. Com isso talvez o professor entenda que os alunos suportam qualquer tipo de análise e retorno que será dado diante do seu desempenho, que aquele resultado que lhes foi atribuído é o seu merecimento e, portanto, sua responsabilidade.

Mesmo em momentos nos quais aparecem propósitos de democratização das escolas e os primeiros debates sobre a expansão do sistema de ensino, a cultura que dá forma aos processos avaliativos na escola é a que tem como referência critérios altamente seletivos, associados a padrões ditos rigorosos, mas sempre pouco claros. (GATTI, 2002, p.17)

Esses movimentos que mobilizam esses sistemas de ensino ditos como “rigorosos” se fazem seletivos por não incorporar aspectos sociais e culturais que norteiam esses alunos, fazendo com que esses alunos não sejam compreendidos de maneira afetuosa.

Segundo Luckesi (2000) “O ato de avaliar, devido a estar a serviço da obtenção do melhor resultado possível, antes de mais nada, implica a disposição de acolher” acolhendo o aluno em suas dificuldades, buscando conhecer quais suas inquietações, visando também suas possibilidades, e domínios, essa visão envolve mais tempo e respeito pelos alunos. O autor ainda cita exemplos de outros profissionais em situações de acolher questionando o que aconteceria se esses profissionais não acolhessem pessoas em seu cotidiano, como o médico disposto a acolher um paciente em estado de emergência, ou como um pai, uma mãe recusar-se em acolher seu filho.

Segundo Almeida (1997) existem três modelos principais de avaliação do desempenho nas universidades, são eles:

a ‘avaliação tradicional’, na qual a ênfase está na verificação, apuração e interpretação dos resultados alcançados, a ‘avaliação por objetivos comportamentais’ que busca a verificação, a apuração e a interpretação das mudanças ocorridas no comportamento do aluno decorrentes do conteúdo ensinado e a ‘avaliação qualitativa’ que inclui as funções diagnósticas e formativas. (OLIVEIRA, SANTOS, 2005, p.2)

Na avaliação tradicional considera-se a prova para constatar o que foi assimilado pelos alunos. É de conhecimento que utilizar somente as provas como instrumento para coletar o que foi compreendido pelos alunos não é suficiente, já que os alunos estudam apenas para as avaliações. A avaliação qualitativa permite que os alunos compreendam a realidade, com base na consciência crítica, dando alternativas para uma formação humana, gerando assim um desenvolvimento individual e global. Pelos objetivos comportamentais compreendemos que esses modelos buscam por meio da observação, acompanhar os alunos em todo seu processo e verificar suas modificações durante o percurso, considerando sua aprendizagem e dificuldade.

A avaliação é uma verificação da noção do conhecimento adquirido pelos alunos de acordo com as resoluções feitas a partir das aulas, e colocadas teoricamente em questões ou provas diante de parâmetros já estabelecidos pelos professores. Nas Universidades, ao iniciar o período letivo, é muito comum que os professores apresentem a ementa da disciplina, nessa ementa estão os assuntos que serão

trabalhados pelo professor, datas, e as formas de avaliação. A apresentação dessa ementa é muito importante ao iniciar o período, pois ela pode ser flexível, o professor junto à turma pode levantar questões que podem ser modificadas, fazer novas atribuições que possam melhorar esse processo. Nessa troca, o professor também conhece um pouco mais a turma e o aluno pode entender a forma que esse professor trabalha em sala, pois cada professor tem liberdade de apresentar sua metodologia, existem parâmetros estabelecidos da faculdade a ser seguido, porém o professor é livre para escolher como se dará suas demandas.

Com base nessa perspectiva vamos entender quais recursos os docentes têm a sua disposição e conhecer as provocações que a prática do ensino aprendizagem apresentam aos docentes do ensino superior.

3.1 Desafios das práticas docentes

Para analisar as práticas docentes dos profissionais do ensino superior é importante observar sua formação pedagógica e seu valor diante da profissão docente. Autores como Pimenta (2002), Behrens (2009) e Bolzan (2008) em suas pesquisas relatam a carência das universidades em disponibilizar uma qualificação continuada para docentes.

A docência universitária exige que, além de conhecimentos sobre a área específica de formação, o professor também atue sobre fundamentos pedagógicos do processo de ensino-aprendizagem, aliados aos saberes de sua experiência e de sua produção científica. (BEHRENS; JUNGES.2015)

Os fundamentos que norteiam essas práticas podem ser atribuídos por meio de oficinas, cursos com pouca duração, palestras, se disponibilizadas pelas universidades. Berhrens e Junges (2015, p.286) usam o termo “profissional do ensino” para explicar quais práticas e domínio os professores necessitam para obter uma transposição de conhecimento. Para este autor, o domínio do conhecimento científico legitima a profissão docente. Pelo ponto de vista conservador é suficiente exercer a docência no ensino superior apenas com a formação inicial, assim sendo, os conhecimentos pedagógicos não seriam relevantes.

Bernard Charlot (2008) analisando as práticas docentes profissionais, utiliza um referencial teórico definido a partir da filosofia do conhecimento para explicar como o processo de aprendizagem é definido entre os indivíduos. Para isso ele traz uma

discussão acerca do construtivismo e o método tradicional, porém, por uma perspectiva mais objetiva. O autor cita que a visão de construtivismo é moderna e geralmente é interpretada como positiva, mas os professores precisam enfrentar algumas tensões. Um dos obstáculos citados pelo autor é que os alunos estudam a partir de outras concepções e não são construtivistas, com isso o professor encontra dificuldade em conseguir motivar esses alunos a atividades intelectuais, sabendo que por referência do próprio ensino os alunos estão em busca de notas, pois precisam delas para passar de ano. Outra contrariedade são as instituições de ensino, pois delimitam, controlam e continuam avaliando de forma tradicional, dessa conseqüentemente o professor acaba tendo que acompanhar essas demandas.

Ser construtivista não significa, como se pensa muitas vezes, ou, melhor, como se fala sem pensar, ser moderno, dinâmico, inovador. Como se toda e qualquer inovação fosse boa... Ser construtivista é se opor ao modelo tradicional da aula seguida por exercícios de aplicação um modelo em que a atividade vem primeiro. (CHARLOT,p.24. 2008)

E por muitas vezes se opor ao modelo tradicional seja mais difícil no cotidiano pelos dilemas citados anteriormente. Ou seja, o aluno é submetido a situações-problema, ao mesmo tempo é estimulado a buscar soluções, construindo saídas que se transformam em informação e conhecimento. A proposta do ensino construtivista é provocar nos alunos o interesse em aprender, retificando os erros, e superando problemas ao logo da relação ensinar e aprender. O ensino construtivista, acontece a partir de questionamento, não só dos alunos, mas também do professor, onde o professor não é apenas o detentor do conhecimento. Possibilita mobilizar estudantes universitários, doravante de práticas criativas, estimulando o desejo em aprender, incentivando a criatividade, desta maneira as práticas pedagógicas valoriza-se, como sendo um mecanismo para ampliar as possibilidades dos estudantes em sala de aula.

A todo momento nas universidades os estudantes são desafiados a pensar práticas inovadoras, em rodas de conversas, em trabalhos acadêmicos, pesquisas de campo preparando os estudantes para sua profissão. “Despertar nos alunos um desejo de aprender, acompanhá-los numa caminhada cheia de obstáculos superados, e erros retificados, de problemas resolvidos” (Charlot, 2008, p.30). Isso faz com que os alunos trabalhem o mundo ao seu redor de forma organizada e despertando possibilidades de aprendizagem.

Ainda sobre os docentes e suas práticas de ensino, é importante analisar o conhecimento científico adquirido por esses professores ao longo de sua carreira acadêmica.

Ser professor é uma tarefa exigente que requer uma responsabilidade acrescida por parte do indivíduo, pois ao exercê-la pode-se formar ou deformar o aluno dependendo do nível de preparação para levar a cabo esta missão. Qualquer formação/profissão requer saberes e a profissão docente não foge à regra. Portanto, exige que o professor tenha uma qualificação adequada que compreende o saber específico do professor. É este saber que tem de ser mobilizado aquando da planificação e lecionação das aulas. (CORREIA, p.6. 2017)

Um dos aspectos importantes das profissões é o saber específico, o que legitima o profissional exclusivamente dentro de sua área de atuação. É um conjunto de saberes e vivências de situações complexas que vão constituindo um profissional. No campo da educação não é diferente, o que faz com que os profissionais tenham conhecimento e capacidade para ensinar é a competência pedagógica e a formação contínua. Segundo Roldão (2007) não é o mero domínio de conhecimento científico e técnicas que caracteriza a função profissional de ensinar.

Garcia (1999) ressalta que os docentes precisam ter consciência da procedência dos alunos, do rendimento, seu envolvimento com a escola, para isso é preciso está em contato com os alunos, e assim rever as práticas que serão mais adequadas para fomentar. Essas práticas entre professores e alunos é muito comum na universidade, seja em encontros semanais em sala de aula, corredores, rodas de conversas e nas exposições das aulas são instantes para se apreciar. Portanto é significativo que os docentes valorizem a formação continuada, especificamente a formação pedagógica.

Pimenta e Anastasiou (2002) analisam que apenas a compreensão dos saberes em áreas específicas não é suficiente para o desenvolvimento de uma ação relevante no contexto educacional, pois é fundamental que os docentes detenham um conjunto de saberes pedagógicos e saberes didáticos e o sujeito professor. Masseto (2002) concorda que para articular esses saberes é necessária uma capacitação distinta e especial.

Entende-se por saberes didáticos as atitudes, habilidades as respostas ao dia a dia no processo ensino aprendizagem. De acordo com D'Avilla e Leal (2015) os elementos que antecedem o ensino já fazem parte do pré-processo de ensino como “as noções de pesquisa e planejamento como as ações de pesquisar e planejar, por

exemplo, aos elementos presentes no ato de ensinar – gerir uma classe, interagir verbalmente, mediar didaticamente os conteúdos, etc.” “assim como o “pós-processo de ensino – avaliar, replanejar –, os saberes pedagógicos são estruturantes da profissão”, esse conjunto de ações trazem um melhor desempenho para os profissionais. Ou seja, todo esse contexto faz parte de processo de ensino aprendizagem, sendo todas de forma crucial para a formação profissional. D’vila e Leal diz que:

a mediação didática, empreendida pelo professor, depende de saberes organizadores em sua prática pedagógica – esses são os saberes didáticos, os quais estruturam a prática pedagógica, concedendo-lhe forma e consistência (D’AVILLA;LEAL, 2015. p. 472)

Assim sendo esses aspectos compõem os saberes didáticos e são apontados para as práticas pedagógicas.

Esse debate em torno da formação docente levanta reflexões acerca dessa problemática e faz com que impulse e desperte nos profissionais docentes das universidades a interesse para conhecer os tipos de práticas e a importância dos saberes didáticos.

o que se percebe é que a formação do professor universitário vem se dirigindo, prioritariamente, para os saberes específicos ou disciplinares, em detrimento da formação pedagógica. Tal realidade pode ser constatada na secundarização da formação pedagógica de mestres e doutores nos diversos cursos de pós-graduação do país. (FERENC, SARAIVA, 2010. p.578)

Para formar professores eficientes é pertinente que se busque além de saberes específicos, ações que inovem as práticas pedagógicas no ensino superior. Essas demandas são significativas para formação dos profissionais, pois não se limitam a concepções específicas.

Diante de todas as exigências feitas ao professor universitário no exercício profissional, é preciso pensar concretamente na organização de espaços e tempos para que ele invista, cotidianamente, em sua formação, na aprendizagem para o exercício de ensinar; no enfrentamento, por exemplo, dos entraves quanto à transformação dos saberes acadêmicos em saberes escolares. (FERENC; SARAIVA, 2015, p.575)

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB n. 9.394), no art. 43 dispõe a finalidade da educação superior e incita a preparação do exercício docente no ensino superior e orienta que esse sistema de organização e preparação aconteça por meio de “pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado”. Ou seja, a legislação gera, de certa forma, moderações na exigência da preparação docente, anulando a importância de políticas pertinentes para a formação docentes.

Essas indagações fazem refletir o espaço acadêmico cotidianamente e seus componentes, a respeito de professores que buscam rotineiramente por maneiras aprofundadas de ensino, fazendo com que esses alunos possam evoluir dentro de suas profissões, valorizando os saberes de forma clara e adequada e atendendo as demandas legais estabelecidas por cada curso. A partir desses componentes que são importantes para se desenvolver um profissional as possibilidades de instrumentos de avaliação fazem diferença durante o processo desses alunos.

3.2 Instrumentos de avaliação praticados na Universidade

Uma lei aprovada em 14 de abril de 2004, lei n.10.861 (Brasil, 2004) assegurou o processo de avaliação em instituição de ensino superior no Brasil, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES). O SINAES tem como objetivo melhorar e assegurar o processo avaliativo no ensino superior, afim de promover avaliação institucional e políticas que desenvolva proporções e demandas da avaliação do ensino superior no Brasil. Desde então começou-se um debate em torno de um procedimento único de avaliação institucional de avaliação no ensino superior. A lei dita que as instituições promovam dinâmicas e procedimentos voltados para a conduta profissional do aluno, elabore ações, e análises para processos avaliativos.

O SINAES também trata do Exame Nacional de Desempenho dos alunos vinculado aos parâmetros programáticos presumidos nas diretrizes curriculares pertencentes a cada curso, é uma forma de perceber se os alunos estão dentro dos parâmetros respectivamente dito nas diretrizes. O ENADE acontece a cada três anos, e é obrigatório que os graduandos realizem a prova. O MEC determina quais cursos serão aplicadas as provas, então as instituições de ensino fazem a inscrição dos alunos. Ou seja, os alunos são avaliados diretamente a cada três anos pelo exame nacional de desempenho além das avaliações institucionais.

Entre os instrumentos avaliativos disponibilizados para o processo ensino destacam-se as provas, atividades em sala, produção de textos e outras formas de captar e fazer essas evidencias de aprendizagem. A partir destas, os registros feitos pelos professores podem ser expressados por pareceres, fichas de anotações, observação e feedbacks explica Rampazzo (2011). Vasconcellos (2003) cita alguns

aspectos em que o professor precisa levar em consideração, para se preparar os instrumentos avaliativos, isto é, conferir se são reflexíveis, abrangentes, se são essenciais e que sejam equivalentes com o que foi desenvolvido pelo professor junto ao aluno. Esses elementos podem trazer uma perspectiva melhor para o aluno e professor.

Além dos instrumentos de avaliação é imprescindível que os professores considerem a escolha de critérios coerentes com os instrumentos de avaliação e com os níveis de capacidades dos estudantes. Esses critérios além de direcionar as práticas de avaliação servirão como referência para boa e justa interpretação dos dados coletados ao longo de todo processo de ensino realizado nas salas de aula ou em outros ambientes de aprendizagem. No caso das universidades estamos falando da sala de aula, dos laboratórios de práticas e dos espaços comunitários que abrigam projetos de extensão e pesquisa.

A avaliação enquanto processo pode ser classificada em “modalidades” de avaliação. Estas estão assim dispostas: a descritiva, descritiva-analíticas, reflexivos-interpretativos e reflexivos-participativos.

1. os descritivos – quando se coletam, geralmente por meio de questionários, características das instituições, traçando-se o seu perfil, utilizando diferentes variáveis;
2. os descritivos-analíticos – em que se procura comparar ou cruzar variáveis ligadas aos processos internos e aos produtos;
3. os reflexivos-interpretativos – que, a partir de um fundamento descritivo e analítico, apresentam diferentes interpretações, traduzindo significados e relevâncias, com base em referentes sócio científico e culturais, agregando, também, formas diversificadas de coleta de dados como entrevistas – individuais ou coletivas; observação; grupos focais; estudos de caso, etc., contemplando os variados nichos organizacionais;
4. os reflexivos-participativos – que se apoiam nas premissas e nos modos de coleta da avaliação participativa, que envolve, em situação de diálogo e reflexão contínuos, as formas e os processos de desenvolvimento das diversas atividades institucionais, os vários segmentos co-partícipes em diálogos reflexivo-interpretativos das representações e significados dessas ações, e de seu impacto percebido ou possível. (GATTI, 2006, p.11)

Segundo Gatti (2006) todas essas modalidades de avaliação são individuais e não extinguem uma a outra, sendo as mais utilizadas a descritiva e descritiva-analíticas. A modalidade reflexiva interpretativa/participativos demanda um olhar mais amplo, que reflita todo o cenário social e institucional levando em consideração outros tipos de coletas de dados observando relevâncias ao longo das interpretações. Na

modalidade reflexiva participativa é uma aprendizagem mais compartilhado, coletivo e co-participativo.

A organização do currículo apresenta a articulação do ensino e suas maneiras de se desenvolver a prática docente. Acerca do ensino aprendizagem e a articulação, Masetto (2003, p.82-83) dialoga com a importância de se priorizar a aprendizagem e não ênfase no ensino. O currículo propõe que os professores e especialistas observem a sociedade e suas modificações, acompanhar o mercado de trabalho, requisito e exigências dos tramites do profissional docente. A construção do currículo é composta por uma discussão atualizada.

Nos dias de hoje, existem algumas propostas e projetos curriculares considerados inovadores para o ensino superior. Um desses projetos é PBL (Problem Baseal Learning) ou APB (Aprendizagem Baseada em Problemas) este projeto sucedeu para a formação de profissionais da área da saúde, porém expandiu para outras áreas.

Em sua filosofia curricular propõe o desenvolvimento de um processo de autoaprendizagem, em contexto de aprendizagem colaborativa, a partir de problemas que são formulados pelos participantes do curso, explicitando os objetivos educacionais a serem alcançados.(MASETTO, 2011, p.7)

As características principais desta proposta é usar o problema para provocar os alunos seja em grupo ou individualmente. O problema se torna o ponto de partida para aprendizagem os objetivos a serem alcançados pelos alunos é conduzido pelo tutor, as aulas não são dirigidas avulsamente.

Outro projeto considerado inovador é os Cursos Cooperativos da Escola Politécnica da USP. Os cursos são feitos junto a empresas parceiras no período de 5 anos, os alunos ficam em tempo integral, com um tutor que está à disposição dos estagiários. Segundo os estudos relacionados a esse projeto verifica-se uma transação mutua entre professor e alunos nas trocas de experiências. Esses projetos são considerados inovadores pois procuram por objetivos educacionais, buscam por novos elementos educacionais para a formação profissional.

As Instituições assumiram uma gestão diferenciada, com valorização da mudança favorecendo a aprendizagem dos participantes e do compromisso dos docentes com esse novo projeto, com reorganização de tempo e espaço para aprendizagem, com revisão da infraestrutura para apoio do projeto , com formação continuada dos professores, com investimento em condições favoráveis aos trabalhos dos docentes. (MASETTO, 2022, p.15)

Segundo Franco (2013) as possibilidades e disposições da universidade para o aprender no ensino superior modificou-se bruscamente nos últimos anos. A UNESCO em 1985 criou um projeto de formação didática para professores, que é realizado em forma de seminário a cada dois anos, essa forma de curso, é feita para troca de ideias e socialização dos docentes. A autora ainda levanta um questionamento muito relevante sobre as práticas docentes e as possibilidades da didática no espaço contraditório e tenso de ensinar e aprender na universidade contemporânea, nos leva a refletir quem são essas pessoas que compõem o ambiente universitário e o porquê buscam a universidade.

Trazendo a didática por uma perspectiva histórica, aconteceu em 1972 o I Encontro Nacional de professores de didática onde discutiu-se a necessidade de um “novo professor”, e uma formação fundamentada em preparação didática em conhecimentos científicos e vinculados as contingências nacionais Massetto (1998). Por isso, nesta situação os docentes eram capacitados por meio de técnicas e instrumentos em torno do saber científico. Nesse período o professor era considerado um técnico que dominava o conhecimento científico, com isso precisavam criar competências e atividades adequadas que se encaixassem em situações adversas.

No final do século 20 a formação em didática, numa perspectiva europeia, era realizada sob forma de ateliers e tinham como objetivo discutir a prática e proporcionar aos docentes saberes como: Planejar, organizar, avaliar uma aula no ensino superior, isso quer dizer saber conduzir as aulas usando problemáticas, métodos de trabalho em grupo, refletir sobre as formas de avaliação e planejamento (Franco, 2013).

Essa formação também contempla os critérios de comunicação e cooperação entre os participantes do ensino superior, utilizando de diálogos, entrevistas, discussões e argumentação. O papel do professor o universitário é social, o docente articula suas aulas, considerando o poder científico, constata e esclarece problemas.

Nós registramos essa interpretação, mas entendemos que é coerente no ponto de vista qualitativo para manter a lógica nessa pesquisa fazer uma leitura aprofundada, pensando no contexto do espaço acadêmico nas universidades, para isso faremos uma exposição e uma análise de como a avaliação é pensada e é sistematizada no contexto da Universidade Federal de Alagoas-*Campus* do Sertão como o campo empírico para essa análise, mas inicialmente faremos uma reflexão a

partir de autores como Luckesi (2000), Massetto (2022), Vasconcelos (2003) sobre como a avaliação é concebida no ensino superior .

De acordo com Luckesi (2009), os exames (provas), quando são feitos e elaborados de forma que seja “amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva” é uma avaliação “dinâmica e construtivista” que ao contrário disso as avaliações “não são amorosas, são excludentes, não são construtivos, mas classificatórios”. Essa relação de provas e seus efeitos interferem diretamente na vida dos alunos pois trazem sentimentos de conquista ou de frustração, lidar com essas duas vertentes compete aos alunos, mas também como o professor lida com a avaliação. Lidar no sentido de não considerar assim como os alunos a prova como algo punitivo, tranquilizar os alunos no sentido que a prova é mais um instrumento avaliativo, que não uma definição da sua formação profissional, não define toda uma carreira, a avaliação é uma parte significativa de um longo processo de aprendizagem.

Reprovação faz parte do ato de avaliar. Ser reprovado em disciplinas gera um certo desconforto, e indagações nos discentes, que pode fazer com que o aluno busque formas de melhorar seu desempenho, busque certificar-se de onde está vindo a dificuldade e que assim possa avançar. A reprovação, acontece quando o aluno não alcança a média estabelecida, isso pode representar muitas possibilidades, como o baixo rendimento do aluno, falta de dedicação, ou pouca afinidade ao conteúdo, pouca frequência nas aulas. A falta de afinidade com o conteúdo é um dos aspectos mais pertinentes para os alunos, como ir tão bem em todas as disciplinas e ter tanta dificuldade em uma? é de conhecimento que temos facilidades em alguns conteúdos e outros não tanto, mas perceber esse impasse facilita os próximos passos a serem tomados.

O professor avalia os erros que são interpretados como não saber e deficiência, e os acertos, que assumem o significado de saber e conhecimento e indicam uma boa aprendizagem. Avaliando erros e acertos o professor obtém a medida do que foi ensinado e do que foi efetivamente aprendido.(OLIVEIRA; SANTOS, 2005,p.38)

Avaliando apenas os erros, os professores restringem todas as outras formas de avaliação. Errar questões ou acertar questões não mostra a realidade completa do que lhe foi aprendido, e sim uma parcela de todo um contexto que também é importante. O professor que não possibilita o aluno um feedback do que foi aprendido ou que não ficou claro está de alguma maneira tornando essa avaliação restrita “tal atitude não respeita um dos um dos principais papéis da avaliação que é a promoção

de um feedback, que tem a função de informar os sujeitos avaliados, quanto ao seu progresso” (OLIVEIRA, SANTOS, 2005, P.38).

Nesse trajeto de produção do conhecimento e formação acadêmica, os professores têm o papel de mediar situações para colaborar com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, e esse ensino é de forma social. A respeito dos professores precisamos salientar sua forma de avaliar os alunos, quais princípios são considerados importantes para esses professores diante de uma formação profissional.

Em geral, tem sido comum os professores atribuírem notas ao desempenho dos alunos. Essa atividade é responsável por boa parte do tempo gasto pelos professores nas instituições: preparação das avaliações pelo professor, resolução das provas pelos alunos, leitura e correção das provas pelo professor, preenchimento de planilhas com as respectivas notas dos alunos pelo professor ou funcionários da instituição. (GOMES; SILVA; SIMON, 2007, p.185)

Sabemos que professores estipulam tempo e dedicação para realizar seus trabalhos, e vários professores são responsáveis por 4, 5 turmas e isso pode fazer com que o docente busque estratégias mais práticas para conseguir facilitar o seu roteiro diante de tantos alunos, e por isso como dito antes, já tenha pré-estabelecido tudo o que vai acontecer no processo de avaliação dessas turmas. Isso não é ruim, são possibilidades e meios de facilitar. Os professores apresentam a ementa das disciplinas no início do período então precisa ter metas e objetivos a ser alcançado. O problema é quando essa avaliação ela é feita pensando apenas do desempenho do aluno representada apenas por uma parcela de suas atividades ou colaborações durante as aulas.

Freitas (2000) compara a avaliação à sociedade capitalista no qual a nota é mercantilizada, valor de uso e troca. Essa relação faz com que o aluno busque conhecimento apenas do que é considerado importante para o professor e assim ele obtenha a nota. É muito comum que o aluno estude apenas para o assunto que ele sabe que estará na prova, buscando meios que também o favoreça, invalidando grandes possibilidade de saberes que poderiam ser atribuídos a esse aluno e futuro profissional.

O baixo rendimento de alguns alunos pode se manifestar devido a rotina desses alunos, tendo em vista que muitos alunos do ensino superior trabalham durante o dia, e estudam no horário noturno, ou trabalhe no horário oposta a aulas, não restando

tempo para estudos foram da universidade. Esse aspecto é importante salientar pois faz com que diminua o desempenho dos alunos nas aulas e consequentemente nas provas avaliativas, e trabalhos acadêmicos.

Entre a intenção de um estudante que pretende ingressar na educação superior e seu efetivo ingresso, encontramos um importante obstáculo a transpor, relacionado à situação de trabalho. Por vezes o trabalho dificulta a escolarização, por vezes a ausência de trabalho impede a escolarização. Essa situação, em verdade, traduz a evidência das incompatibilidades entre estudo e trabalho, ou seja, a possibilidade ou não de uma escolaridade longa, segundo a relação do estudante com o trabalho. (PAULA; VARGAS, 2012, p.465)

O trabalho em horário oposto faz com que esse aluno não estude fora do horário de aula, e possa chegar em sala de aula mais cansado e isso dificulta em seu desempenho, é certo que muitos alunos mesmo que trabalhem em horário oposto desenvolva um bom trabalho, mas existe algo que complica o seu processo de ensino aprendizagem. Como dito por Freire (1981) o professor como “facilitador da aprendizagem, precisa manter uma comunicação com alunos, levando sempre em consideração seus saberes científicos, entretanto as particularidades de cada de indivíduo.

4 PPC: CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UFAL

Para minha pesquisa trago através do Projeto Político Pedagógico a perspectiva avaliativa de quatro cursos do *Campus* Sertão Delmiro Gouveia, para perceber como acontece o ensino aprendizagem e avaliações.

Segundo o PPC do curso de pedagogia da UFAL sertão, a avaliação é um processo formativo em que os docentes e alunos tem a liberdade de buscar possibilidades de novas estratégias:

Portanto, é um processo contínuo e democrático, incorporando o cuidado com o alcance de objetivos claros e definidos conforme os princípios da formação docente da garantia de padrão de qualidade, articulação teoria-prática com vistas ao domínio de conhecimentos científicos e didáticos, formação com sólida base teórica e interdisciplinar, a formação da capacidade de autonomia e responsabilidade pelo próprio processo de aprendizagem da/do educanda/o. Portanto, a avaliação se baseia nas ideias de Vasconcelos (2003), Luckesi (2010), para quem a avaliação é um processo formador e não punitivo e desumanizante.(p.102)

O projeto político pedagógico de pedagogia cita Vasconcelos (2003) e Luckesi (2010) como autores que defendem a avaliação formativa e não a avaliação punitiva. Os instrumentos avaliativos empregados ao curso são avaliações coletivas e individuais, os alunos dispõem do acervo da biblioteca do *Campus*, com textos, PDF, livros, revistas; para além dos estudos dirigidos provas e relatórios como instrumentos de avaliação e coleta de informação do ensino aprendizagem.

O processo de avaliação condiz com o Regimento da Universidade Federal de Alagoas. As avaliações são bimestrais, a média em cada bimestre precisa ser 7,00 (sete), com direito a reavaliação em casos de não atingir a média de algum dos bimestres.

Agora pela perspectiva do projeto político do curso de engenharia civil considera a avaliação como um processo que se pode através da ação de curso observar e identificar o desenvolvimento do discente.

É uma das formas como o curso pode verificar o alcance dos seus objetivos na medida em que tem fundamentos filosóficos, psicológicos e pedagógicos apoiados no dinamismo, continuidade, integração, progressividade, abrangência, cooperação e versatilidade, procurando desenvolver as seguintes funções atribuídas para a avaliação: • Função diagnóstica - visa determinar a presença ou ausência de conhecimento e habilidades, providências para estabelecimentos de novos objetivos, retomada de objetivos não atingidos, elaboração de diferentes estratégias de reforço, sondagem, projeção e retrospectiva de situação de desenvolvimento do

discente, dando-lhe elementos para verificar o que aprendeu e como aprendeu. • Função formativa - localiza deficiências na organização do ensino-aprendizagem, de modo a possibilitar reformulações no mesmo e assegurar o alcance dos objetivos. Para que a avaliação tenha o caráter formativo, trabalha-se a seleção dos objetivos e conteúdos das disciplinas, desenvolvendo o caráter multidisciplinar e interdisciplinar sempre buscando a participação dos discentes. No curso procura-se saber o avaliar e como usar os resultados, e para tanto estabelece critérios e objetivos dessa avaliação e os instrumentos que servirão como meio para esse fim.(p.110)

A avaliação do discente do curso de engenharia civil da UFAL tem como parâmetro duas funções: função diagnóstica e formativa. Essas funções têm como objetivo principal visualizar as dificuldades e contornar a aprendizagem dos alunos, traçando novos objetivos.

O PPC do curso também consta um acompanhamento do processo de ensino aprendizagem feito pelos alunos sobre as disciplinas do curso de engenharia civil, com o objetivo de aperfeiçoar os processos de aprendizagem e ensino, otimizando a tomada de decisões. Esse acompanhamento é feito virtualmente, respondendo um questionário que é disponibilizado para os alunos, que respondem individualmente. A avaliação das disciplinas acontece ao final do período letivo. Além da avaliação da disciplina por meio de questionário os alunos em grupos ou de forma individual pode manifestar suas opiniões através do CAEC (Centro Acadêmico de Engenharia Civil), que junto ao colegiado do curso pode levantar questionamentos e situações, para que assim se possa solucionar possíveis problemas.

Essa preocupação da avaliação do corpo docente traz uma segurança para os alunos de uma posição que possa ser tomada mediante seus obstáculos. Sendo assim os alunos podem ser ouvidos também melhorando alguns impasses ocorridos durante o período letivo.

No PPC do curso de história na página 97 no ponto 7, onde aborda a avaliação de aprendizagem, compreendendo a avaliação como um processo contínuo de geração de informações. Entendendo que nesse andamento, outros elementos também são levados em consideração. O curso propõe que alguns seguimentos além dos discentes também precisam ser avaliados, como: avaliação do projeto pedagógico; avaliação do corpo docente; e avaliação externa. Isso é feito como forma de garantir prováveis reajustes e reformulações de ações.

Observando o PPC do curso de Geografia, no processo de ensino aprendizagem a avaliação institucional, propõe que seja processual e formativa

cumprindo com as diretrizes e planejamento do curso. Na sessão 7.1 do PPC de Geografia trata dos procedimentos de avaliação que são impostas da resolução 25/05 – CEPE no art. 11:

Art. 11 - A avaliação do rendimento escolar se dará através de:
(a) Avaliação Bimestral (AB), em número de 02 (duas) por semestre letivo;
(b) Prova Final (PF), quando for o caso;
(c) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). (p.99)

Essa é a base para distribuição das notas, a partir das avaliações, com as provas bimestrais, e o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a partir dessas atividades os alunos são avaliados, e são atribuídas as notas. A resolução também disposta no PPC do curso de geografia explica como podem ser esses instrumentos avaliativos, e isso compreende a todos os cursos:

Art. 13 - Cada Avaliação Bimestral (AB) deverá ser limitada, sempre que possível, aos conteúdos desenvolvidos no respectivo bimestre e será resultante de mais de 01 (um) instrumento de avaliação, tais como: provas escritas e provas práticas, além de outras opções como provas orais, seminários, experiências clínicas, estudos de caso, atividades práticas em qualquer campo utilizado no processo de aprendizagem. (p.99)

Essa diversidade de instrumentos possibilita despertar nos alunos perceber em quais das possibilidades de instrumentos de avaliação ele tem mais facilidade em realizar. Em minha experiência acadêmica, alguns instrumentos de avaliação me traziam mais tensão como provas e seminários, porém, em atividades práticas, ou provas orais e atividades externas, possuía uma leveza em realiza-las. Ter afinidade com tal instrumento de avaliação não significa que alcancei sempre boas notas, mas que me senti mais segura em fazê-las.

Por fim, o Trabalho de Conclusão de Curso, onde o aluno precisa junto com todos os seus saberes acadêmicos atribuídos ao longo de todo o processo de curso, defender uma tese. O TCC é considerado entre os alunos um dilema, por alguns motivos, seja pela complexidade do trabalho, ou por saber que precisará passar por alguns docentes até ser aprovado a sua pesquisa. Essa tensão criada no TCC faz com que os alunos demorem a escrever suas pesquisas protelando assim a formação profissional.

I - O TCC não se constitui como disciplina, não tendo, portanto, carga horária fixa semanal, sendo sua carga horária total prevista no PPC e computada para a integralização do Curso.
II - A matrícula no TCC se dará automaticamente a partir do período previsto no Projeto Pedagógico do Curso para a sua elaboração, não tendo número

limitado de vagas, nem sendo necessária a realização de sua matrícula específica no Sistema Acadêmico.
III - A avaliação do TCC será realizada através de 01 (uma) única nota, dada após a entrega do trabalho definitivo, sendo considerada a nota mínima 7,0 (sete), nas condições previstas no PPC.(CEPE, resolução 25/2005)

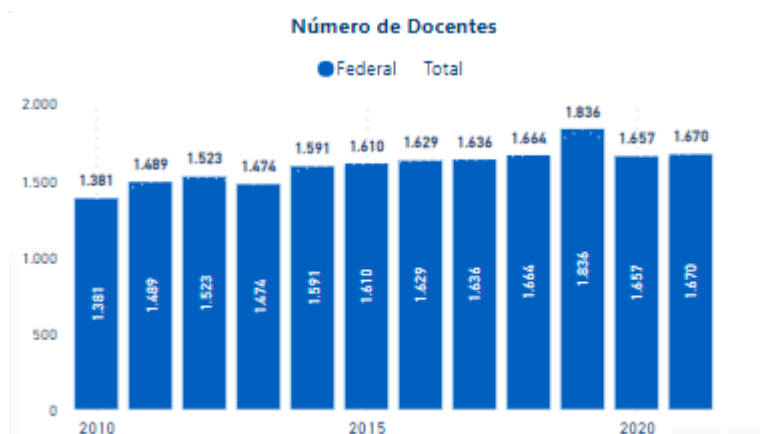
A avaliação do TCC acontece por meio da banca examinadora, que recebe o trabalho com antecedência, assiste a defesa e avalia a tese.

As perspectivas das avaliações acadêmicas dos diferentes cursos do *Campus* são semelhantes, pois seguem um regimento de medidas que precisam ser cumpridas. É importante que os cursos e seus colaboradores de gestão obedeçam às diretrizes também na prática, para que se possa acontecer ensino aprendizagem desses futuros profissionais. É a partir do PCC que os professores conduzem seus planos de aula, organizam notas. A partir desses parâmetros cria-se o perfil de cada curso, obedecendo as diretrizes da instituição.

4.1 Perfil Docente na Universidade Federal de Alagoas – *Campus* do sertão

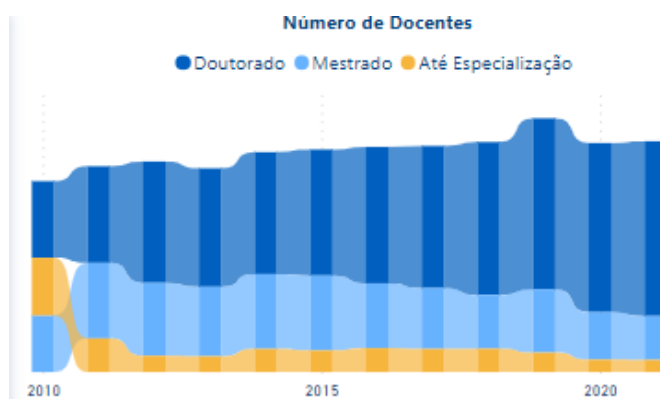
Com a intenção de conhecer o perfil do profissional docente do *Campus* do sertão da UFAL, buscamos por dados que mostram aspectos importantes sobre os docentes no Brasil. Para isso explorei por informações no Censo de educação superior, disponibilizado pelo Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa (INEP), o censo de educação superior conta com elementos e registros disponibilizados pelo MEC. Com isso o censo disponibiliza materiais como infraestrutura, vagas, ingressantes, candidatos, concluintes, docentes e outros elementos que compõem o ciclo acadêmico. Com intuito de disponibilizar informações estatísticas sobre o sistema brasileiro de educação superior com dados confiáveis.

Figura 1 – Número de docentes atuantes da Universidade Federal de Alagoas.



Fonte: Censo de Educação Superior (2021)

Figura 2: Distribuição de professores na UFAL por titulação.



Fonte: Censo de educação superior. (2021)

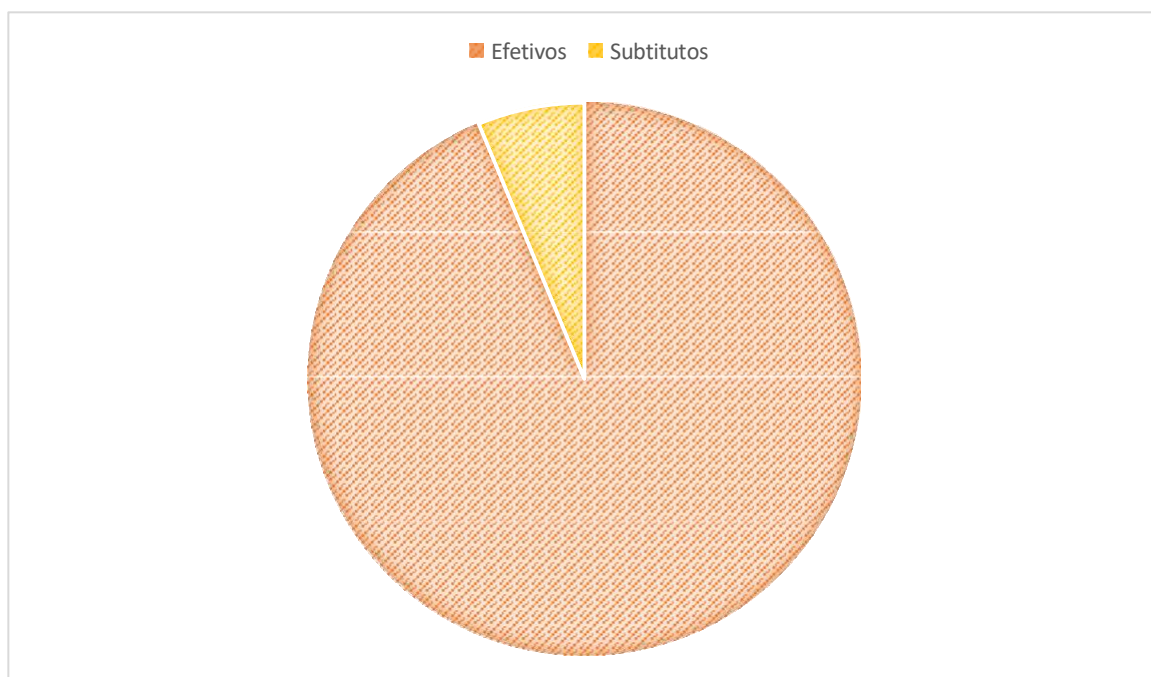
Já na figura 2, o gráfico representa o número quantitativo de professores de docentes que são mestres, doutores e especialistas. De acordo com o PNE (Plano Nacional de Educação) lei federal n.10.172, no qual apresenta a metas para educação, acentua que a meta 13 era de “Elevar a qualidade da educação superior e ampliar a proporção de mestres e doutores do corpo docente em efetivo exercício no conjunto do sistema de educação superior para 75%, sendo, do total, no mínimo, 35% doutores” Sendo assim o censo de educação superior relata que a meta 13 foi atingida com 50,6% de professores doutores representando mais da metade da força de trabalho. Pensando na meta 13 o PNE traz a meta 14 para ampliar a quantidade de

professores, a meta 14 do PNE tem como objetivo aumentar o número de matrícula em pós-graduação *stricto sensu*, ampliando o número de titulação de mestres e doutores em favor da produção científica e pesquisa. Entre as estratégias estipuladas para cumprimento da meta 14 estão:

expandir o financiamento da pós-graduação *stricto sensu* por meio das agências oficiais de fomento (Estratégia 14.1); estimular a integração e a atuação articulada entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e as agências estaduais de fomento à pesquisa (Estratégia 14.2); ampliar a oferta de programas de pós-graduação *stricto sensu*, especialmente os de doutorado, nos câmpus novos, abertos em decorrência dos programas de expansão e interiorização das instituições superiores públicas (Estratégia 14.6); consolidar programas, projetos e ações que objetivem a internacionalização da pesquisa e da pós-graduação brasileiras, incentivando a atuação em rede e o fortalecimento de grupos de pesquisa (Estratégia 14.9); e promover o intercâmbio científico e tecnológico, nacional e internacional, entre as instituições de ensino, pesquisa e extensão (Estratégia 14.10). (BRASIL, 2014)

A partir de documentos, institucionais, e pesquisa no *Campus Sertão*, Delmiro Gouveia, obtive dados que caracterizam os profissionais docente do *Campus*. O corpo docente é composto por 80 professores.

Gráfico 1: Quantidade de docentes no campus sertão - Delmiro Gouveia.



Fonte: Levantamento de dados feito pela pesquisadora.

Esses professores são distribuídos pelos 8 cursos do *Campus*, ocupando cargos e desenvolvendo ações de ensino pesquisa, extensão e gestão, ações que contribuem

para o desenvolvimento acadêmico dos estudantes e o pleno funcionamento da universidade.

A pesquisa utilizou como referência o questionário para coleta de dados com o público pesquisado, professores do ensino superior no *Campus* do sertão. A partir da interpretação dessas respostas nos debruçamos na interpretação desses dados e fizemos a análise de acordo com os autores que estamos utilizando como referência, assim essa pesquisa pode ser classificada como pesquisa de caráter exploratório de acordo o que diz Gil (2008) sobre pesquisa exploratória:

Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas.

Além dessa característica a pesquisa também utilizou como referência uma análise documental a partir da interpretação dos projetos de curso que são referência para as graduações na UFAL e no *Campus* Sertão especificamente, utilizando os parâmetros de análise de curso já sinalizados pela interpretação de Gil (2008):

há dados que, embora referentes a pessoas, são obtidos de maneira indireta, que tomam a forma de documentos, como livros, jornais, papéis oficiais, registros estatísticos, fotos, discos, filmes e vídeos, que são obtidos de maneira indireta. Essas fontes documentais são capazes de proporcionar ao pesquisador dados em quantidade e qualidade suficiente para evitar a perda de tempo e o constrangimento que caracterizam muitas das pesquisas em que os dados são obtidos diretamente das pessoas. Sem contar que em muitos casos só se torna possível realizar uma investigação social por meio de documentos.

Fizemos a interpretação e apresentamos os dados e as conclusões dessa análise ao longo desse texto.

Os dados a seguir demonstram as respostas do público pesquisado sobre as questões que foram formuladas. Essas questões estão relacionadas as características indenitárias do público do ponto de vista profissional e de carreira e em seguida trazem dados específicos que esclarecem a posição desses pesquisados sobre questões específicas em torno da avaliação da prática pedagógica desenvolvida no *Campus* do Sertão.

A partir do currículo *lattes*¹ pude analisar a trajetória dos professores da UFAL em busca de saber qual a formação acadêmica e se possuem alguma formação

¹ Currículo *Lattes* é uma plataforma que contém dados sobre o itinerário de pesquisadores e cientistas.

complementar pedagógica, entendida aqui como necessária para o desenvolvimento das aulas numa perspectiva de formação integral do estudante.

Além do bom desempenho didático a formação pedagógica permite ao professor uma visão ampliada sobre as possibilidades da avaliação, seus instrumentos e o acompanhamento dos estudantes ao longo da sua formação profissional. É essa perspectiva que estamos utilizando como referência para análise das práticas docentes.

Pensando nisso buscamos indagar algumas questões aos docentes da UFAL *Campus* do Sertão, por meio de um questionário elaborado no Formulário, uma ferramenta disponibilizada pelo Google, com nove questões objetivas e discursivas. As perguntas foram enviadas aos docentes através de um link, cinco professores participaram da pesquisa. Os professores serão identificados como A, B, C, D e E para a melhor verificação dos gráficos e preservar a identidade dos docentes participantes.

Tabela 1:

Professores participantes	Cursos
A	Geografia
B	Pedagogia
C	Geografia
D	Geografia
E	Engenharia

Fonte: Levantamento de dados feito pela pesquisadora.

As questões foram elaboradas pensando em entender o perfil docente na nossa universidade e reparar suas visões em torno da avaliação.

Sabemos o quanto os instrumentos avaliativos podem ser de diversas formas utilizados pelos professores, e o quanto essas avaliações afetam de diferentes maneiras os alunos, o professor tem a liberdade de definir seus parâmetros e instrumentos desejados como podemos ver no gráfico 1.

Tabela 2: Qual instrumento avaliativo você prefere utilizar?

A	Provas, aulas práticas.
---	-------------------------

B	Aulas práticas
C	Provas, seminários, aulas práticas.
D	Provas, seminários, estudo dirigido, aulas práticas, outros.
E	Provas, seminários, estudo dirigido.

Fonte: Levantamento de dados feito pela pesquisadora.

Percebe-se que os professores reconhecem a prova como um instrumento essencial para avaliar os alunos, para além dos outros instrumentos. As provas são realmente mais práticas tanto para os alunos que precisam estudar para conteúdos específicos, assim como para os professores no momento de corrigir e avaliar esses alunos.

O professor já traz na sua bagagem a cultura da prova, considerando que, em sua vida escolar, repetiu inúmeras vezes o ritual da prova e do exame (Luckesi, 1996, p.17). A prova é utilizada tanto na educação básica como no ensino superior. Assim, em toda sua formação, o professor vivencia situação de prova. (RAMPAZZO, 2019, p.8)

A prova é utilizada para compreender individualmente o que os alunos aprenderam, por isso utilizada ao longo de toda vida escolar, para reflexão e acompanhamento dos alunos. Os seminários também são utilizados pelos professores da pesquisa, essas atividades estimulam o estudo e pesquisa científica fazendo com que os alunos busquem por metodologias e sistematização, pois exige que os alunos tragam conteúdo específicos e expliquem para a turma.

A avaliação como parte do processo de ensino aprendizagem, necessita que os professores utilizem instrumentos variados como forma de perceber o comportamento dos alunos mediante suas avaliações. Na universidade realizamos pesquisas e trabalhos que desenvolvem a ciência e habilidades profissionais. Em todo esse contexto de avaliações os professores estabelecem critérios avaliativos, para refletir o desempenho dos alunos, assim perguntamos aos docentes quais são os parâmetros que são utilizados para escolher os critérios de avaliação.

Tabela 3: quais os parâmetros que você utiliza para escolher os critérios de avaliação?

Professor A	“Capacidade argumentativa, evolução ao longo do semestre, cumprimento dos
-------------	---

	prazos, correlação entre cada aula e o objetivo geral da disciplina.
Professor B	“Assiduidade e dedicação”
Professor C	“Nota”
Professor D	“Acredito que o processo avaliativo acontece em todos os momentos nos encontros presenciais em sala de aula. Considerando-se o contexto pandêmico, notou-se um distanciamento de diferentes relações, e, portanto, buscou-se compreender as múltiplas possibilidades de consideração dos processos de ensino-aprendizagem e busco até hoje ressignificar minhas avaliações[...]”
Professor E	“Relação da forma de avaliação com os objetivos da disciplina e a atuação profissional.”

Fonte: Levantamento de dados feito pela pesquisadora.

Podemos perceber com as respostas que a pergunta não foi compreendida pelos professores. Ou seja, esses professores tiveram confusão no momento das respostas e isso pode ser sinal de que a pergunta não ficou clara, ou se os professores não reconhecem quais são os parâmetros que utiliza para salientar quais critérios são importantes para a avaliação dos alunos. A partir desses parâmetros considerados importantes para o processo avaliativo e desenvolvimento profissional dos estudantes os docentes podem observar e fazer registros dessas observações.

Como forma de acompanhamento os dados são analisados diante dos critérios estabelecidos previamente e devolvidos aos alunos em forma de notas pela plataforma utilizada pela UFAL (SIEWEB). Pela perspectiva dos professores é notório o quão vasta é as formas de avaliar e quantos critérios são importantes para se perceber o desempenho de aprendizagem dos alunos. Os critérios conduzem para uma melhor elaboração da metodologia, respeitando características da turma.

Durante a pesquisa, participando de um grupo de estudos conversamos e debatemos sobre o processo avaliativo com os estudantes do curso de pedagogia, surgiu um debate em volta de qual seria a avaliação ideal, senti a necessidade de ouvir a concepção dos docentes. A partir desse questionamento tivemos as seguintes respostas a respeito de qual seria a avaliação ideal na visão dos docentes.

Tabela 4: Como você acha que seria a avaliação ideal:

Professores	Respostas:
Professor A	“Uma avaliação processual, que fosse rigorosa e ao mesmo considerasse os diferentes perfis de educandos.”
Professor B	“Livre”
Professor C	“Prova”
Professor D	“Processual e contínua, não necessariamente totalmente quantitativa, mas o qualitativo nos revela bastantes elementos de evolução do acadêmico.”
Professor E	“Uma avaliação processual voltada aos objetivos da disciplina.”

Fonte: Levantamento de dados feito pela pesquisadora.

Percebemos que os professores consideram a avaliação processual um modelo a ser seguido, respeitando as etapas do processo e os perfis dos discentes. Segundo Boggino (2009):

Só é possível interpretar o real a partir das possibilidades de aprender de cada aluno, possibilidades dadas pela sua estrutura cognitiva, pelos seus conhecimentos (escolares e extra-escolares), pelos seus valores, sistema de crenças, etc. Portanto, ensinar implica, sempre, avaliar os saberes dos alunos e propor estratégias pertinentes, para que os alunos possam, progressivamente, ir reestruturando e ressignificando esquemas e conhecimentos e, assim, diminuir a distância que separa estes dos conteúdos curriculares.

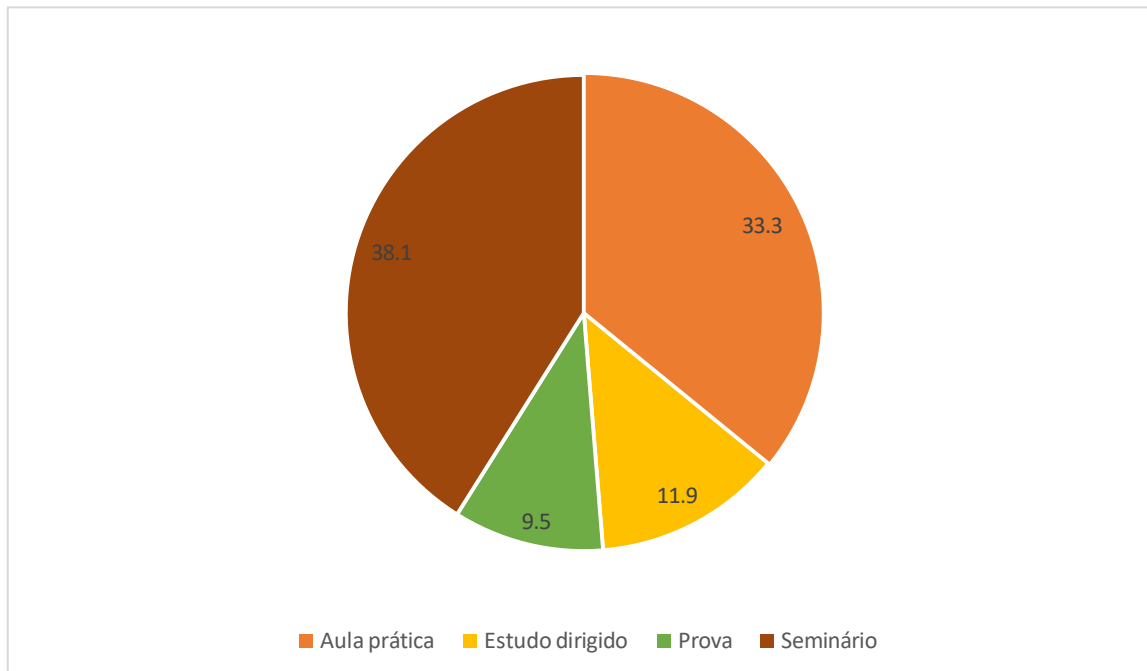
Entendemos que esse processo é a união de saberes já adquirido pelo aluno ao longo da vida, junto aos saberes específicos e objetivos estabelecidos pelos professores definidos para o desenvolvimento profissional dos discentes. Ao longo desse processo de ensinar e aprender, debater, confrontar são criados questionamento e resoluções de problemas coletivos, ou individualmente pelos alunos da universidade. Os primeiros momentos do discente são de muita expectativa do que

irá aprender, absorver e como isso vai acontecer durante os longos períodos na universidade. Pensando na expectativa dos alunos buscamos conhecer quais suas implicações quanto a avaliação.

4.2 Perfil discente na Universidade Federal de Alagoas - *Campus* do Sertão

Depois de ouvir os professores achamos necessário analisar a visão dos alunos sobre seu processo de ensino aprendizagem. Consultamos assim os alunos da Universidade Federal de Alagoas, *Campus* do Sertão para responder algumas questões. Participaram da pesquisa quarenta e dois alunos representantes de todos os cursos disponíveis no *Campus* do Sertão, Delmiro Gouveia, através da mesma plataforma que interrogamos os professores. Como forma de conhecer o perfil e perspectivas dos alunos do *Campus* achamos importante perguntar qual instrumento avaliativo os alunos se sentem mais seguros em realizar e obtivemos as seguintes respostas:

Gráfico 2:



Fonte: Levantamento de dados feito pela pesquisadora.

Utilizamos os instrumentos avaliativos mais comuns entre os docentes nos cursos do *Campus* do Sertão, como vimos as aulas práticas são consideradas mais seguras a se realizar. A Universidade Federal de Alagoas dispõe de laboratórios e

salas de estudo e pesquisa para os estudantes isso faz com que o processo de ensino aprendizagem dos alunos aconteçam de diferentes maneiras. Com isto os professores têm à disposição algumas alternativas para escolher e formular suas aulas e instrumentos de avaliação. Entre os instrumentos mais comuns de avaliação que usamos na pesquisa a prova foi menos vista como segura de realizar mesmo sendo tão comum para os professores.

Mais do que um teste, a prova precisa ser encarada como um grande instrumento de avaliação, cujo propósito principal é o de ajudar o aluno a aprender, ajudar o professor na identificação dos conceitos que foram corretamente assimilados e, através desta, apresentar sugestões de estudos e/ou estratégias metodológicas para os conceitos não corretamente assimilados. (MANGAS, 2020, p.54)

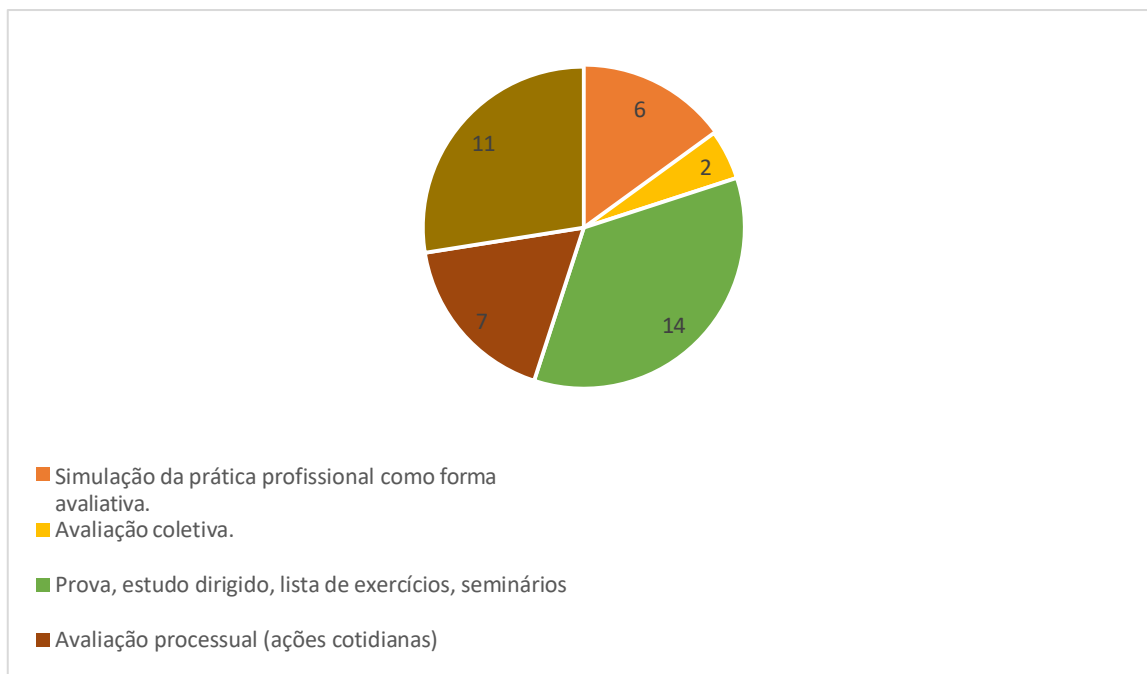
Mesmo não sendo tão bem vista pelos alunos a prova como instrumento de avaliação permite como dito por Mangas (2020) que o professor identifique o que foi entendido e assim buscar meios e estratégias que permitam essa assimilação ao conteúdo. Essas estratégias podem ser debatidas em sala de aula, com o professor esclarecendo dúvidas, levantando questionamento do que os alunos tiveram dificuldade e facilidade. Percebendo a dificuldade dos alunos pode-se preencher as lacunas que se formaram durante o ensino aprendizagem. No entanto a escolha da prova deve ser interpretada numa perspectiva pedagógica considerando o tipo de saber que é prioridade quando esse instrumento de avaliação é utilizado de maneira continua, aqui destacamos o saber identificado como conceitual.

A UFAL *Campus* do Sertão recebe alunos de muitas cidades vizinhas, o que demanda tempo de deslocamento desses alunos. Durante a pesquisa pensamos o quão árduo é o cotidiano desses alunos, pensamos no processo avaliativo também para essas demandas, e no quanto isso pode afetar esses alunos. Sabemos o quanto é difícil não ter tempo livre para estudar e desfrutar de tudo que a universidade dispõe para os alunos. A princípio é complicado administrar tempo, quando se trabalha, tem filhos ou demandas que ocupam o tempo oposto aos horários das aulas. Desta maneira os alunos perdem de vivenciar experiências extraordinárias que fazem parte da proposta curricular disponível para o aluno.

Como dito anteriormente, perguntamos aos professores como seria a avaliação ideal, achamos pertinente saber dos alunos qual sua perspectiva quanto a avaliação

e como seria a avaliação ideal para esses estudantes que realizam esses processos estabelecidos pelos docentes. Quarenta alunos responderam à esta pergunta.

Gráfico 3: Respostas dos alunos quanto a avaliação ideal.



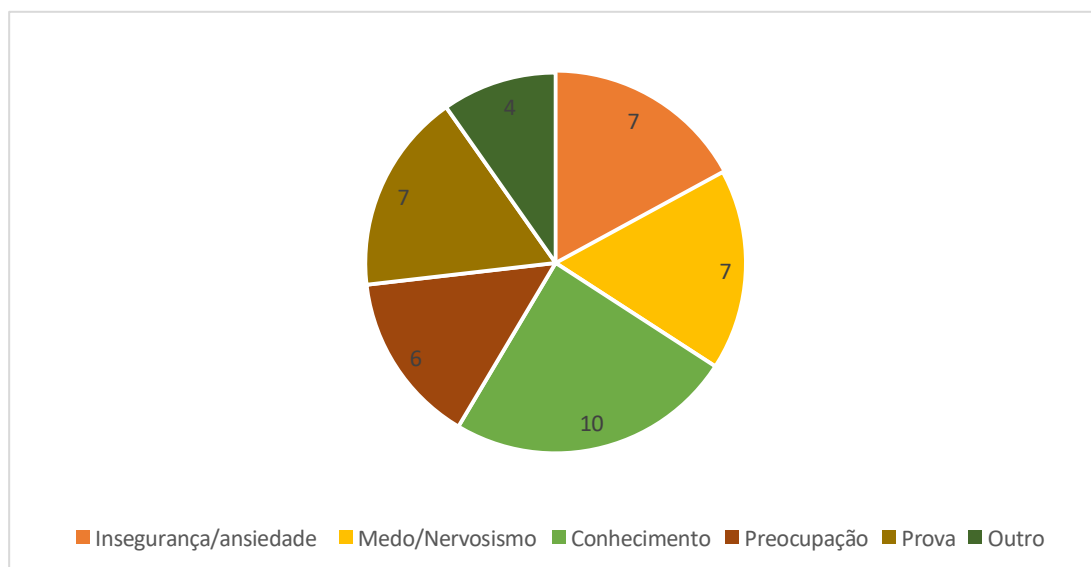
Fonte: Levantamento de dados feito pela pesquisadora.

As definições de avaliação ideal para os alunos podem acontecer por meio do instrumento em que se sente mais tranquilo ao realizar, que rende bons resultados. As respostas trouxeram grandes reflexões em torno do processo avaliativo, já de conhecimento o quanto as provas causam anseios e desgaste nos alunos, ao longo da análise do ponto de vista dos alunos sobre a avaliação ideal nos deparamos com o descontentamento de alguns alunos em torno de como acontece essas avaliações. Sabemos que é uma perspectiva individual, que não existe uma metodologia, um instrumento, um processo que corresponda a perspectiva de todos, mas todo instrumento precisa levar ao mesmo objetivo de avaliar e avançar no processo de aprendizagem profissional. Para Zeferino e Passeri (2007):

Para uma formação integral do estudante, o aprender a ser é essencial para que o aluno adquira uma postura condizente com a formação que obteve. Para alguns educadores, esse termo é uma retomada do conceito de que o ser humano deve ser responsável. No entanto, aprender a ser envolve características mais complexas e mais difíceis de serem trabalhadas com os estudantes. Atualmente, os cursos superiores de ensino demonstram grande preocupação com a postura de seus estudantes tanto no ingresso ao curso quanto na conclusão deste.

Desta forma entendemos que os alunos precisam sim apresentar seus impasses, mas deve também aprender de forma responsável a se adaptar aos complexos e tornar esses processos de ensino aprendizagem.

Ao longo do trabalho analisamos vários aspectos do processo avaliativo, um deles eram as emoções dos alunos quanto as avaliações. É de conhecimento que existe um terror em torno das provas, algo que os estudantes carregam ao longo da vida, independente do instrumento há um descontentamento na hora de realizar, criando um momento tenso nesse processo de ensino aprendizagem. Pensando nesse clima que antecipa as provas e o momento da avaliação, pedimos aos estudantes que expressassem seu sentimento quando pensava em avaliação 42 alunos responderam. Desta maneira obtivemos essas respostas:



Fonte: Levantamento de dados feito pela pesquisadora.

É perceptível o descontentamento de maioria dos alunos quanto as avaliações, essas emoções que rodeiam os alunos podem anular seus conhecimentos no momento da prova, seminários é recorrente que os alunos esquecem conceitos e conteúdo que eram de seu entendimento. Brasileiro e Souto (2017) esclarece essas emoções:

Essas emoções estão ligadas às vivências dos alunos diante da prova como instrumento de verificação, classificação ou punição, não como parte do processo de aprendizagem. Esse caráter definitivo da prova na vida dos alunos é, grande parte das vezes, responsável pelas emoções negativas que os tomam no momento da avaliação. Outros fatores vinculados a tais emoções se referem à distância entre o que é cobrado e como é cobrado na prova e o que foi efetivamente trabalhado em sala de aula.

Esses sentimentos negativos no fim das contas causam frustração e negação da autoconfiança. Como afirma Brasileiro e Souto (2017) além dessas emoções o que implica a forma como esses conhecimentos são cobrados dos alunos, é comum ouvir dos alunos que estudaram para um assunto e na prova está diferente, fazendo com que esses alunos sejam avaliados por uma parcela do ensino. Desta maneira podemos perceber de onde vem o descontentamento dos alunos ao ser avaliados com provas ou qualquer instrumento por não ser vista como parte do processo de ensino aprendizagem, aqui tratando de futuros profissionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo sendo vista de forma negativa por uma parcela dos estudantes é através da avaliação que se soluciona questões e dúvidas, partindo da iniciativa do que é importante aprender naquele momento. O intuito do trabalho era de perceber alunos e professores frente a avaliação. Para isso buscamos autores que explicassem a relevância da avaliação e aplicamos na interpretação de como a avaliação acontece no Campus. Consideramos também a formação dos professores e suas práticas, tivemos conhecimento das resoluções dos PPC's dos cursos com o intuito de conhecer por quais lugares os aspectos da avaliação perpassam.

Nós, enquanto seres em constante desenvolvimento e evolução, percebemos o quanto o ensino e a aprendizagem também se modificam ao longo dos anos e como essa ação é significativa para o crescimento das pessoas. Isso se deve a necessidade de perceber o desenvolvimento e até onde o ensino-aprendizagem avançou na construção do profissional. O papel da avaliação na construção do profissional é evoluir os alunos para uma carreira, permitindo que o discente cresça dentro do seu campo de atuação, pensando no campo de trabalho do Brasil. Observando a posição e importância da avaliação para a formação profissional, percebe-se que não se encontra nenhum outro meio de perceber a evolução de alunos e futuros profissionais sem uma análise, ou observação do processo em que todas as partes são importantes.

Durante a pesquisa, vimos o quanto os docentes da UFAL Sertão acreditam que o processo por inteiro é importante, fazendo com os alunos sejam de várias formas vistos e analisados, seguindo o que é estabelecido como importante para avançar dentro âmbito acadêmico.

Ao longo da pesquisa, buscamos por autores e pesquisadores que explicassem a importância da avaliação e seus instrumentos dando ênfase no ensino superior, percebemos o quão vasta e diversificada são as formas de avaliar e verificar o desenvolvimento dos estudantes. Estudamos autores como Luckesi (2000) e Gatti (2011) em seus estudos explicam os principais conceitos da avaliação traduzindo em escritos o contexto em torno da avaliação. Dentro desse contexto identificamos a formação docente dando ênfase na preparação didático-pedagógica. Os saberes docentes, como um conjunto de saberes e práticas específicas no campo do ensino e

da aprendizagem, permitem aos professores do campus a reflexão sobre o aluno e seu percurso intelectual e consequentemente possibilitam o aperfeiçoamento do processo de formação profissional dos estudantes.

Pensando nos desafios da prática docente vimos também quais instrumentos os professores têm à sua disposição para orientar os alunos durante o processo de formação acadêmica, de acordo com documentos institucionais (PPC's) da Universidade Federal de Alagoas campus do Sertão dentre os instrumentos que fazem parte do contexto acadêmico a prova é destacada com um dos instrumentos que os docentes mais utilizam. Perguntamos aos docentes quais eram os parâmetros que reconheciam como relevante, mas a pergunta não foi compreendida da maneira que esperávamos, pois queríamos que citassem esses critérios e como eles eram estabelecidos.

Para entender o que pensam os docentes da UFAL Campus do Sertão aplicamos um questionário com o intuito de conhecer os professores, compreendendo todo contexto acadêmico e de como a avaliação é importante para os alunos. Os docentes participantes da pesquisa utilizam de vários instrumentos de avaliação, como vimos na tabela 1, a prova é o instrumento que os professores mais preferem utilizar, em contrapartida a respostas dos alunos que não preferem a prova por se sentirem inseguros como descrito no gráfico 2, isso se dá por questões subjetivas: nervosismo e ansiedade.

A pesquisa aqui apresentada foi realizada a partir de documentos, artigos, livros e pesquisa de campo, com o objetivo de perceber como os alunos se sentem diante de avaliações e como os professores avaliam os alunos levando em consideração a percepção de ambos.

Sobre esses objetivos e partindo do estudo que foi feito concluímos que a avaliação interfere nas emoções dos alunos ao serem avaliados independente dos instrumentos utilizados, fazendo com que os alunos se sintam de diferentes maneiras: ansiosos, inseguros com sentimento que poderia ter estudado mais. De acordo com os dados da pesquisa 38,1% dos alunos participantes se sentem mais seguros em apresentar seminário e 33,3% preferem aulas práticas e apenas 9,5% preferem as provas. Esses sentimentos ao realizar a prova interferem negativamente nos resultados desses alunos, com notas baixas e reprovação. Os alunos preferem aulas práticas pois geralmente é em grupo, aulas que se tornam mais interativas fazendo

com que os mesmos se sintam mais seguros e mais descontraídos enquanto aprendem e ao mesmo tempo são avaliados pelos seus professores, trazendo, segundo os estudantes, melhor rendimento.

Como estudante, posso compartilhar do mesmo pensamento, pois as aulas práticas nos trazem experiências inesquecíveis, acrescentando vivências e ensino significativo para formação profissional. Buscamos apresentar como as avaliações influenciam o percurso formativo dos estudantes e são parte importante da prática dos professores no ensino superior e essenciais na vida de professores e alunos. A avaliação mesmo sendo vista como a parte mais difícil no processo para os alunos, despertando distintas emoções faz com que os alunos percebam seu desempenho e busquem aperfeiçoar suas competências.

Como profissional da educação acredito que a avaliação é um campo a ser explorado e compreendido como algo leve e necessário para a vida das pessoas, é uma forma de nos conectarmos com o que precisa ser melhorado e evoluirmos dentro trabalho, vida pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996

BEHRENS, Junges, et. Al. **Prática docentes no ensino superior: a formação pedagógica como mobilizadora de mudanças**. Perspectiva. Florianópolis, v.33, n.1, 285-317, jan/abr.2015

CHARLOT, Bernard. **O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição**. Educação e contemporaneidade. Salvador, v.17, n.30, p.17-31. Jul.2008. disponível: [Nº 19A \(janehaddad.com.br\)](http://Nº19A.janehaddad.com.br)

CHAVES, Sandramara M. **Avaliação da Aprendizagem no ensino superior: realidade, complexidade e possibilidades**. In: Reunião Anual ANPED, 27º, 2002, Anais... Caxambu: Anped, 2004, p. 1 – 16. Disponível em www.anped.org.br/reunioes/27/qt04/t0412.pdf, acesso em 25 de janeiro de 2010.

CORREA, Hermenegildo. **A formação pedagógica de professores do ensino superior e suas implicações no modo de ensinar**. Tese (Doutorado em sociologia) – Faculdade de educação e psicologia, universidade católica, p.1-15. Disponível em: [out.pdf](#)

FERNANDES, Domingos. **Ensino e avaliação no ensino superior: Reflexões a partir da pesquisa realizada do âmbito do projeto avena**. Cad. Cedes, Campinas, v. 36, n. 99, p. 223-238, maio-ago. 2016.

GATTI, Bernardete. **Avaliação: contexto história e perspectivas**. Departamento de educação-UNIFESP. Guarulhos, v.2, n.1. p.9-26, maio, 2014. Disponível em: [202-Texto do artigo-2557-1-10-20140601.pdf](#)

GATTI, Bernardete. **Avaliação educacional no Brasil: pontuando uma história de ações**. Eccos revista científica, São Paulo, v.4, n.1, p.17-41, junho 2002. [202-Texto do artigo-2557-1-10-20140601.pdf](#)

GATTI, B. A. **Avaliação de professores: um campo complexo. Estudos em Avaliação Educacional.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v. 22, n. 48, p. 77-88, jan./abr. 2011. Disponível: [1992-Texto do Artigo-7551-1-10-20130924.pdf](https://www.fcc.org.br/publicacoes/fcc.org.br/eae/article/view/1975/1951)

GIL, Antônio. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>

GOMES, Luiz, et. al. **Avaliação da aprendizagem no ensino superior. “Nota” expressão do comportamento do aluno.** Pro – posições, v.18, n.2, p.183-196. Janeiro 2007. Disponível em: [Avaliacao da aprendizagem no ensino superior Nota .pdf](https://www.fcc.org.br/publicacoes/fcc.org.br/eae/article/view/1975/1951)

Gronlund, N. E. (1979). **O sistema de notas na avaliação do ensino.** Tradução Ingeborg Stracke Grunwaldt. São Paulo: Pioneira.

LUCKESI, Cipriano. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Pátio, n. 12, fev. 2000. Disponível em: [2511.pdf](https://www.fcc.org.br/publicacoes/fcc.org.br/eae/article/view/1975/1951)

MOREIRA, Herivelton, et al. **As percepções dos alunos de engenharia sobre as práticas de avaliação da aprendizagem.** Revista Iberoamericana de evaluación indicativa, vol.5 n.3, p.275-290. Maio, 2016. Disponível em: [RIEE 5 3 17.pdf](https://www.fcc.org.br/publicacoes/fcc.org.br/eae/article/view/1975/1951)

MANGAS, Evaristo. **A prova como um instrumento de avaliação para a aprendizagem.** Vol.1 n.1 p.52-64 jul.dez 2020, Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/1975/1951>

NARA, Elpidio, et al. **Práticas Pedagógicas e avaliação do processo de ensino aprendizagem do curso de engenharia de produção: estudo de caso.** Anais do V Simpósio de Engenharia de Produção. p.78-95 maio, 2017. Disponível em: [Artigo2.pdf](https://www.fcc.org.br/publicacoes/fcc.org.br/eae/article/view/1975/1951)

OLIVEIRA, Katya. Et. al. **Avaliação da aprendizagem na universidade**. Psicologia escolar e educacional, São Paulo, v.9, n.1. p. 37-46, Disponível em: [AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA UNIVERSIDADE.pdf](#)

PAULA, Vargas. Et. Al. **A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: Desafio público a ser enfrentado**. p.465, jul.2012, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/VmmLwb3h8zbnsKVnJRJKqDz/?format=pdf&lang=pt>

PIMENTA, S.G.; ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

RAMPAZZO, Sandra. **O professor PDE e os desafios da escola pública, paraense**. Londrina, 2011. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uel_ped_artigo_maria_de_fatima_matos_goncalves.pdf

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Aprova a reformulação do regimento interno da Comissão Própria de Avaliação Institucional – CPA/UFAL**. Resolução nº 53/2012, de 5 de novembro de 2012.

ROLDÃO, Maria. **Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional**. Revista Brasil de educação. v,12, n.34 jan/abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XPqzwwYZ7YxTjLVPJD5NWgp/?format=pdf&lang=pt>

UFAL. **Projeto pedagógico do curso de história**. Delmiro Gouveia-AL, 2018.

UFAL. **Projeto pedagógico do curso de geografia**. Delmiro Gouveia-AL, 2018

UFAL. **Projeto pedagógico do curso de engenharia civil**. Delmiro Gouveia-AL, 2018

UFAL. **Projeto pedagógico do curso de pedagogia**. Delmiro Gouveia-AL, 2018.

ZEFERINO, Angélica, et.al. **Avaliação da aprendizagem do estudante**. Caderno ABEM, vol.3p.39-43, outubro, 2007. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/148/o/AVALIACAO_DA_APRENDIZAGEM.pdf